

5 Rede de mudança

“O contexto molda a natureza, a estrutura e o processo de conversão. (...) Em um sentido muito verdadeiro cada conversão se dá em um contexto, um contexto que é multifacetado, abarcando os domínios político, social, econômico e religioso no qual a pessoa está vivendo no tempo de sua conversão. Dessa forma, qualquer que seja o significado da conversão, ela nunca acontece fora de um contexto cultural”.

Lewis Rambo – *Understanding Religious Conversion* (1993:20).

Na primeira parte, a análise enfoca a construção narrativa da *rede de mudança*, ou seja, dos elementos que, de diferentes maneiras, contribuíram para que os narradores se convertessem. No processo de construção desses elementos, os narradores direcionam a construção de seu discurso de modo a justificarem as suas escolhas passadas. Eles também conferem ordem à sua experiência de vida e coerência às suas identidades sociais. Relembro que a apresentação da análise será feita considerando as etapas da *rede de mudança* tal como os entrevistados as constroem em suas narrativas.

É importante perceber que, já no início da fala de cada um, sistematicamente, apareçam tensões e críticas à religião da família. Talvez o mais importante na descrição dessas tensões, e das críticas que nelas aparecem, seja a percepção de que os narradores estão retomando o passado com a suas perspectivas de mundo do presente, ou seja, de convertidos a uma igreja evangélica, compartilhando um discurso que subjaz a um sistema de coerência diferente daquele ao qual foram expostos anteriormente. Essa postura vem ao encontro da percepção de Brockmeier (2000:63) do modelo circular da narrativa e do entendimento de que a narrativa é uma reconfiguração do passado tendo-se em vista uma perspectiva presente. Assim, o conhecimento do fim e do começo da estória é um pressuposto para que a mesma possa ser contada.

5.1

Família e religião (primeiros contatos com práticas religiosas)

Comecei todas as entrevistas perguntando sobre o histórico familiar dos entrevistados. Indago sempre a respeito da religião daqueles que os criaram, a influência dessa formação inicial em suas vidas e sobre as suas primeiras experiências religiosas. Dessa forma, antes de narrar o momento de sua conversão, todos os entrevistados a contextualizam através de uma série de informações.

No fragmento a seguir, Puck contextualiza a formação espiritual de seus pais e realiza importantes avaliações sobre eles e sua opção religiosa.

Fragmento 1

Puck e a família kardecista: “meu pai fala, fala bonito, mas não vive muito, né?”

- ▶ 01 puck: a minha família (.),
- ▶ 02 por parte de pai] é::, a grande maioria é::
- 03 william: [hum]
- ▶ 04 puck: espírita, né? eles são::, a que-- como se denominam kardecistas,
- ▶ 05 acreditam em reencarnação,] acreditam que coisas que a gente
- 06 william: [humhum]
- 07 puck: está sofrendo aqui
- 08 agora são, de certa forma, de certa forma, dívidas
- 09 de coisas que a gente fez no passado, em outras vidas, né?
- 10 e a gente tá resgatando (.), a:: acreditam na evolução do espírito,
- 11 que um dia a gente vai evoluir e vai chegar a um estado
- 12 de perfeição,
- ▶ 13 ah::, e:: minha mãe também acredita na mesma coisa.
- 14 minha mãe é uma pessoa bem-- diria assim, fervorosa, mas é uma
- 15 pessoa que sempre tá:: (.), a::, ligada a isso.
- ▶ 16 o meu pai fala, fala bonito, mas não vive muito, né?

Puck descreve, em primeiro lugar (linha 01), a crença da família de seu pai. Nesse momento inicial, Puck posiciona a religião da família de seu pai (Kardecista) como sendo a principal influência religiosa de sua infância. A identidade de sua mãe também é construída se aliando à visão paterna mas só é mencionada na linha 13: “minha mãe também acredita na mesma coisa”. A referência ao comportamento religioso paterno é retomada na linha 16. Nesse momento, há uma crítica direta à conduta de seu pai, já que o narrador indica que seu comportamento seria diferente daquilo que prega em palavras: “meu pai fala, fala bonito, mas não vive muito, né?”. Aqui surge uma questão importante: a crítica ao pai pode estar ligada à nova visão religiosa de Puck, já que, no momento da entrevista, ele é um convertido a uma igreja evangélica compartilhando um sistema de crenças diferente dos de seu pai e de sua mãe. Assim, o narrador já inicia a construção de sua narrativa tendo em vista a sua perspectiva do presente. Mais adiante trarei outros exemplos nos quais a perspectiva do presente é mais evidente.

Vejam agora como o segundo narrador, Gloster, constrói o início de sua narrativa:

Fragmento 2

Gloster: família na igreja católica e no terreiro de umbanda: “a gente acatava porque não tinha muita opção”

- ▶ 01 gloster: lá em casa é: a gente era católico...,
 ▶ 02 mas minha mãe era umbandista]
 03 william: [anhan ((sorrindo))]
 04 gloster: [sabe aquela coisa né?
 05 william: ((sorrindo))
 ▶ 06 gloster: então a gente: frequentava, minha mãe: recebia em casa, às
 ▶ 07 vezes.. é:: pessoas lá do centro]
 08 william: [ahn]
 09 gloster: [fazia aquele negócio de oração,
 10 tinha até uma macumbinha de vez em quando]
 11 william: [mas a, a sua, a sua mãe, ela
 12 também]
 13 gloster: [trabalhava]
 14 william: [trabalhava também]
 15 gloster: [trabalhava no centro (era::) sei lá
 16 (recebia) lá, uns::, uns guias lá]
 17 william: [ahan]
 18 gloster: [é eu cresci assim, mas, na verdade,
 19 quando: eu:, eu cheguei-- isso no sítio ainda, né?]
 20 william: [ahan]
 21 gloster: [é:: e nós
 ▶ 22 éramos menores e: a gente acatava porque não tinha muita opção
 ▶ 23 era aquilo que os pais faziam (era) o que] você fazia=
 24 (...)
 25 gloster: no fundo, no fundo todos estão procurando deus]
 26 william: [aham]
 27 gloster: [né? mas naquela
 28 época: eu não tinha muita::-- não sabia discernir muito bem não]
 29 william: [aham]
 30 gloster: pra mim aquilo era o certo: era o:: pra muita gente é o certo, né?
 31 eu não posso dizer que é::, que seja errado mas é:: era um, era pra
 32 gente, era um pouco obscuro era assim:: é::-- até amedrontava um
 33 pouco] entendeu?
 34 william: [ah:: sim:]
 ▶ 35 gloster: aquelas reuniões que tinha, e tinha batucada, aquelas coisas, aquele
 ▶ 36 negócio é::-- a princípio é:, todo mundo: legal mas era meio
 ▶ 37 sombrio a coisa, né? (não) era muito legal, a verdade é essa], não
 38 william: [ahan]
 ▶ 39 gloster: era muito legal, ainda mais você vê uma parente seu-- tua mãe
 ▶ 40 recebendo um guia lá] é:: tu cresce vendo aquilo
 ▶ 41 william: [() bem é: bem estranho]
 42 gloster: mas você não se acostuma, né?
 43 (...)
 ▶ 44 pois é rapaz e:: e lá em casa e::: o que dizem depois:, mais tarde,
 ▶ 45 estudando] essa,
 46 william: [aham]
 ▶ 47 gloster: essa coisa da:: da religião afro-brasileira, né? da umbanda-- eu fui
 ▶ 48 notar que realmente: são:: é:::entidades né?] que:: (não sei)
 49 william: [aham]
 ▶ 50 gloster: espiritualmente você fica não vou dizer que você fica fora de si,
 51 mas você fica... é dominado por aquela entidade] você responde
 52 william: [amhum]
 ▶ 53 gloster: por-- o que ela faz hoje em dia minha visão é totalmente diferente],
 54 william: [aham]

- ▶ 55 gloster: hoje em dia:: se você me explicar... se você quisé-- mas eu posso te
- ▶ 56 explicar, mas claro que vai bater de frente com as suas opiniões
- ▶ 57 com as dos outros

Da mesma forma que Puck, Gloster também critica a religião de sua família, mais especificamente a de sua mãe. A partir da linha 22 ele constrói a sua experiência religiosa na infância como algo impositivo: “éramos menores e: a gente acatava porque não tinha muita opção, era aquilo que os pais faziam (era) o que você fazia”. Em seguida Gloster narra a vivência que tinha no contato com a religião de sua mãe e ele constrói a sua experiência como algo que amedrontava e que não era muito positivo (a partir da linha 35): “aquelas reuniões que tinha, e tinha batucada, aquelas coisas, aquele negócio é:-- a princípio é:, todo mundo: legal mas era meio sombrio a coisa, né? (não) era muito legal, a verdade é essa, não era muito legal”. Outro fator de estranhamento para Gloster era o de ver a sua mãe “recebendo” guias (linha 39): “ainda mais você vê um parente seu-- tua mãe recebendo um guia lá é:: tu cresce vendo aquilo, mas você não se acostuma, né?”.

Ao narrar sua estória de conversão, Gloster e os outros narradores irão traçar avaliações com base em seu posicionamento atual, o que vem ao encontro da percepção de Linde (1993:187) de que “o ato de contar uma narrativa permite ao falante um posicionamento reflexivo – a habilidade de reportar e avaliar suas próprias ações como se elas fossem de outra pessoa”. A construção realizada por Gloster é claramente influenciada pelo seu posicionamento religioso atual: a partir da linha 44 (“depois, mais tarde, estudando”), ele tentará introduzir a sua visão do fenômeno das incorporações no umbandismo tal como ele as entende sendo um participante de uma igreja evangélica. Na linha 48, por exemplo, ele afirma: “realmente são entidades”. Ao utilizar o vocabulário evangélico e ao assumir uma perspectiva evangélica para compreender a Umbanda, ele indica que a construção de sua narrativa está sendo direcionada pelo sistema de coerência evangélico, ou seja, por sua perspectiva do presente.

A entrevistada Cordélia, da mesma forma que Gloster, possui uma estória de vida que inclui uma experiência marcante na Umbanda antes de sua conversão e ela também constrói sua narrativa tendo em vista a sua perspectiva do presente. Vejamos o início de sua narrativa:

Fragmento 3

Cordélia: “*tinha de tudo*”

- 01 cordélia: meu histórico, é::, a família do meu pai é espírita] e a da minha
 02 william: [humhum]
 03 cordélia: mãe é evangélica], eu, antes de me converter, ia a centro espírita,
 04 william: [humhum]
 ► 05 cordélia: centro de macumba de ()]
 06 william: [pois é, mas ele era espírita kardecista] ou umbandista?
 07 cordélia: [não, umbandista
 08 william: [ah, umbandista]
 ► 09 cordélia: umbandista, assim, tinha de tudo], tinha de tudo
 ► 10 (...)
 11 cordélia: família da minha mãe, inicialmente é evangélica, por que
 12 inicialmente? porque eles foram criados, né? na igreja evangélica,
 13 se desviaram e agora eles estão voltando, um a um vai voltando
 14 william: aos pouquinhos
 15 cordélia: é aos pouquinhos vão voltando, né? então meu histórico familiar é
 16 esse, >meu pai era ateu< e minha mãe, e realmente também minha
 17 mãe não, não::, ia à igreja,
 ► 18 william: mas ele é ateu, mas como é que ele vai a]
 19 cordélia: [não, meu pai faleceu.
 21 >meu pai faleceu<,
 ► 22 william: ah, ele faleceu], mas antes de ele falecer, ele se tornou ateu, é isso?
 23 cordélia: [ele faleceu] na--, ele::, ele::=
 24 william: =porque quem é umbandista não é ateu
 25 cordélia: é, não--, meu pai, na verdade, ele é muito::, antes de eu nascer ele
 26 já não ia mais], ele-- eu até hoje não entendi muito bem o quê que
 27 william: [humhum]
 28 cordélia: aconteceu mas, por algum tipo acho que de, de desilusão, lá ele
 29 largou e passou a não acreditar em nada, nem em deus] então ele,
 30 william: [hum]
 31 cordélia: até o fim, assim, teo-- quer dizer, pelo que eu saiba, né?]
 32 william: [humhum]
 33 cordélia: a gente nunca::=
 34 william: =tá dentro da pessoa pra saber
 35 cordélia: é::, na hora mesmo, o que aconteceu, eu não sei, que eu espero
 36 que:: ele tenha lembrado-- (ele deve estar) perto de deus, foi um,
 37 foi até muito engraçado, porque na época eu não acreditava, e::,
 38 realmente deus foi lá e pregou, eu orava e, enfim, então a palavra
 39 de deus foi lançada, então eu não sei se::o quê aconteceu na hora
 40 mas, até segunda ordem, () ele não acreditava em nada
 41 (...)
 42 cordélia: eu era aquele tipo assim; eu acreditava em tudo], eu ia::, eu
 43 estudei em colégio católico, e: eu fui, assim, eu devia ter um onze
 44 anos a primeira vez que eu fui a centro kardecista
 45 (...)
 ► 46 comecei a, ah--, eu acreditava e tudo, mas num, num ia, assim, eu
 47 (...)
 ► 48 é, mas não::, não levava à sério, ia com a minha amiga, tipo “olha
 ► 49 tem uma festinha de criança, não sei aonde, vamos lá? vamos”,
 ► 50 passei--, comecei a freqüentar mesmo um lugar fixo aos dezessete
 ► 51 anos, para os dezoito anos,] levada pela minha prima
 52 william: [e era::, no caso, era umbanda
 53 cordélia: umbanda.

- 54 william: umbanda
 ► 55 cordélia: umbanda, e ai freqüentei até me converter

A narrativa de Cordélia indica que ela tinha um histórico religioso familiar eclético, na linha 10, por exemplo ela diz: “tinha de tudo”. Ela tinha a influência da Umbanda (linha 8), a católica do colégio no qual estudava (linha 43) e do kardecismo (linha 44). Talvez seja esta variedade de experiências que a leve afirmar que ela acreditava em tudo (linha 42). Ao narrar essas experiências Cordélia enfatiza, tanto na infância quanto na adolescência (linhas 42 e 48), o caráter de encontro social que os eventos religiosos proporcionavam; na linha 48, por exemplo, ela diz: “não levava a sério, ia com a minha amiga, tipo “olha tem uma festinha de criança, não sei aonde, vamos lá? vamos””. Só depois, no final da adolescência (ver linha 50) é que ela se envolve de forma sistemática com a Umbanda.

Um aspecto importante que aparece na fala de Cordélia (e de outros narradores) é o problema da nomeação das práticas religiosas ditas espíritas. No Brasil, o termo “espírita” pode englobar diferentes práticas religiosas como, por exemplo, o Kardecismo, a Umbanda, o Candomblé ou a Quimbanda, entre outras, por isso o pesquisador busca precisar a informação nesta (ver fragmento acima, linha 6) e em outras entrevistas (ver, por exemplo, fragmento 4, linhas 7 e 17). Essa preferência pelo termo “espírita” esconde, senão um pré-conceito, uma grande dificuldade de lidar com práticas religiosas menos privilegiadas na sociedade brasileira (cf. Prandi e Pierucci, 1996 e Prandi, 2005).

Entre as linhas 16 e 40 Cordélia fala de seu pai narrando o passado tendo em vista a sua perspectiva presente. A partir da linha 35, por exemplo, ela expressa o desejo de que o pai esteja perto de Deus: “eu espero que:: ele tenha lembrado-- (ele deve estar) perto de deus”. Depois ela diz: “realmente deus foi lá e pregou, eu orava” e “a palavra de deus foi lançada”. Todas essas falas apontam para a percepção de que Cordélia narra a experiência passada utilizando um discurso que faz parte do sistema de coerência da igreja a qual ela está ligada no momento da entrevista e que pode ser percebido através das expressões que utiliza. Termos como “Deus pregou” e “a palavra de Deus foi lançada” estão muito presentes no vocabulário evangélico.

A utilização da perspectiva do presente para narrar o passado também aparecerá, mais adiante, na construção narrativa de Miranda, outra entrevistada que possui uma forte influência das religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, em sua estória de vida.

Veremos a seguir como ela narra suas experiências religiosas vividas na infância e na adolescência:

Fragmento 4

Miranda: “à medida que eu fui crescendo eu fui vendo a minha família espírita” (família entre a Igreja Católica e a Umbanda)

- ▶ 01 miranda: os meus avós, eles eram católicos, as primeiras impressões que eu
02 tenho,
03 william: ahm
- ▶ 04 miranda: quando eu era muito pequena-- eles eram católicos praticantes,
▶ 05 tinham oratório, participavam da irmandade, da igreja
▶ 06 católica () ↑ai depois, à medida que eu fui crescendo,
▶ 07 eu fui vendo a minha família espírita], a
08 william: [ah:]
- 09 miranda: minha mãe (.) e mais três tias, no qual a minha mãe teve
10 barracão, a, minha outra tia teve ba--, a, duas tias tiveram barracão,
11 a outra não, e eu conheci isso, mas só que eu não, eu não me--, eu
12 não tava ligada]
13 william: [humhum]
14 ai você não tinha=
- ▶ 15 miranda: =conheci[mento, porque era uma coisa que estava ali no dia a dia],
▶ 16 william: [mento], [e era
17 espírita, era espírita o quê?
18 miranda: no meu dia-a-dia né?
- ▶ 19 william: umbandista, kardecista?
20 miranda: no caso, a minha mãe era umbandista
21 william: ah, tá
22 miranda: ai eu conheci, e::, mas eu num não participava eu nunca--, ↑era
23 criança, né?
24 então não me ligava, bom ai quando--, aos doze anos, houve
25 assim--, >como é que eu posso te explicar?< (2), uma
▶ 26 manifestação], né?, comigo
27 william: [humhum]
- ▶ 28 miranda: aos doze anos e:: eu tive problemas de saúde e todo mundo dizia
▶ 29 que precisava fazer santo, e não sei o quê]
30 william: [ah, tá, >tipo assim<, você foi::,
31 você teve uma espécie de incorporação, alguma coisa assim=
- ▶ 32 miranda: =isso, isso, ai, pois bem, ai aconteceu isso, ai depois--, eu não
▶ 33 queria, lutei muito pra não--, não entrar pro espiritismo
▶ 34 william: ah::, tá, porque? você tinha medo? alguma coisa assim?
▶ 35 miranda: não, eu achava muita responsabilidade] e eu era muito nova e eu já
36 william: [ah:]
- ▶ 37 miranda: e eu já tinha muitas responsabilidades, até porque eu comecei tinha
▶ 38 trabalhar com treze anos, é::, família lutando com muita
▶ 39 dificuldade, comecei trabalhar--, então eu não queria mais essas
▶ 40 responsabilidades, porque eu já com treze anos eu trabalhava, tinha
▶ 41 responsabilidade, entendeu? então eu não queria mais essa (.), ai as
▶ 42 coisas foram acontecendo, ai eu fui:, e::, participei um pouco da
▶ 43 igreja católica, mas aquilo não ::, como é que eu diria, assim?=
▶ 43

- 44 william: =satisfazia=
 ▶ 45 miranda: =não satisfazia=
 46 (...)
 ▶ 47 miranda: ai me afastei, ai freqüentei a messiânica--, porque, tudo isso porque eu
 ▶ 48 tava fugindo do espiritismo
 ▶ 49 william: ah, você tava fugindo da umbanda, no caso, né?
 ▶ 50 miranda: é, é, ai fui pra messiânica--, mas--, fui assisti (até) as aulas né?

Assim como Gloster, Miranda veio de uma família que participava tanto do catolicismo quanto da Umbanda (ver linhas 01 a 07 do fragmento acima). A influência da Umbanda em sua estória de vida, no entanto, parece ser mais forte do que a do catolicismo, podemos perceber isso quando ela, a partir da linha 09, fala que sua mãe e tias tiveram barracão (lugar de reunião e realização da cerimônias da Umbanda) e, principalmente, quando fala, na linha 15, que a Umbanda “era uma coisa que estava ali no dia a dia”. Ela indica, com essa afirmação, que já absorvia o sistema de coerência presente no discurso da Umbanda desde a infância.

Na entrevista de Miranda, não aparecem críticas à religião dos pais como surgem nas outras narrativas (principalmente nas de Puck e Gloster). É provável que isso se dê, como ficará mais claro adiante, devido ao fato de ela ter tido, durante sua vida, uma experiência mais estreita com a religião da família do que os outros entrevistados. No entanto, o seu contato inicial com a religião dos pais, aos doze anos de idade (ver fragmento 4, linha 28: “aos doze anos e:: eu tive problemas de saúde e todo mundo dizia que precisava fazer santo, e não sei o quê”), é construído como algo que lhe fora imposto pelo sistema de crenças da Umbanda. Segundo a coerência desse sistema, Miranda teria que se dedicar aos seus ritos para que pudesse controlar as manifestações espirituais que lhe ocorriam de forma involuntária. Dessa forma, a religião para ela é uma responsabilidade a mais, um fardo do qual ela tenta se livrar no início (fragmento 4, a partir da linha 47): “ai me afastei, ai freqüentei a messiânica--, porque tudo isso porque eu tava fugindo do espiritismo”. Como demonstro adiante, ela irá retomar essa percepção de religião como fardo em outros momentos de sua narrativa de estória de vida, construindo a sua experiência de modo a levar o seu ouvinte à percepção de que a religião não é apenas fonte de satisfação, podendo também ser fonte de sofrimento. Miranda constrói a percepção da religião com um fardo em relação à Umbanda e, como veremos adiante, ao Candomblé. Assim, trata-se de uma construção que tem como base a sua perspectiva do presente que contrasta com a descrição de sua religião atual como alívio, como veremos na narrativa de seu fluxo de mudança.

para enfatizar a construção que realiza da identidade do outro (no caso, a de seus pais). A esse respeito, Tannen (1989) nos lembra que o discurso direto não pode ser entendido como uma reprodução da voz do outro, uma vez que esse mecanismo é, na verdade, uma abstração que vem ao encontro dos objetivos do narrador. Isso implica que já observara que a fala do outro, uma vez colocada em outro contexto, está sempre sujeita a certas mudanças (cf. Bakhtin, [1925]1992), essa percepção também está presente em Gofman (1974:512), quando ele coloca que

“quando um falante emprega as aspas convencionais para nos advertir que aquilo o que está dizendo é para ser compreendido como brincadeira ou como mera repetição das palavras ditas por outra pessoa, então é claro que ele intenta se posicionar em uma relação de reduzida responsabilidade pessoal por aquilo que está dizendo. Ele se esquia para fora do conteúdo de suas palavras ao expressar que o falante que as utiliza não é ele mesmo ou não é ele mesmo de maneira séria”

Para Tannen (1989:101), no entanto, a questão é mais complexa. Para ela, as pessoas ausentes não são percebidas como pessoas, mas como recursos para o trabalho de co-construção identitária do narrador no contexto imediato da narrativa. Esse uso do discurso direto é utilizado várias vezes no fragmento acima, bem como em outros momentos das narrativas de todos os entrevistados.

Outro ponto que chama atenção no fragmento acima é como o entrevistador se alinha à perspectiva do narrador de tal modo que realiza o que pode se qualificar de interrupção colaborativa (cf. Tannen:1994:69) na linha 11: “ah::, ai ti--, rolava essa repressãozinha”. A ocorrência dessa interrupção colaborativa salienta a perspectiva de que, como aponta Mishler (1999:xvi), “uma entrevista é um processo dialógico, uma complexa seqüência de trocas através das quais entrevistado e entrevistador negociam um certo grau de concordância a respeito do que eles irão dizer e como”. Entendo que essa ocorrência evidencia, entre outros aspectos, a capacidade do narrador de prender o ouvinte através da narrativa e de levá-lo a se alinhar com a sua perspectiva e com as construções identitárias que realiza de si mesmo e dos outros, conferindo ao ouvinte da narrativa o papel de colaborador ativo na construção de seu discurso. Ao analisar as narrativas que trago aqui tenho sempre em mente que elas se deram em um contexto social no qual interagem pesquisador e entrevistador, levo em consideração que, como observa Gumperz (1992:218), “interagir é se engajar em um processo de negociação em curso, para inferir o que os outros desejam expressar e monitorar como suas

contribuições são recebidas”. A preocupação do narrador com o contexto e com o público se constitui uma outra importante dimensão da perspectiva do presente no ato de narrar experiências.

Na narrativa de Gloster a imposição para participar das práticas religiosas da família é construída com menos tensão do que na de Puck, no entanto, o conflito também se encontra presente:

Fragmento 6

Gloster: sexta-feira na macumba e domingo na igreja católica

- ▶ 01 gloster: é cara, era: estranho e ai domingo ai é: a gente-- você fica meio
- ▶ 02 sem sabê, é mas pô] ai tu começava a fazer--, de-- mais tarde você
- 03 william: [aham]
- 04 gloster: vai fazer a ligação (né?) são jorge, são jorge, ogum] é::, são,
- 05 william: [aham]
- 06 gloster: sebastião é oxossi, como é que pode isso? essa coisa] (que) isso
- ▶ 07 william: [aham]
- ▶ 08 gloster: só vim entender depois, (né?) quando você começa a procurar pra
- ▶ 09 vê mesmo] (entendeu?) mas tinha essa coisa domingo era: missa,
- ▶ 10 william: [amham]
- 11 gloster: sexta-feira era macumba] (sorrindo), segunda-feira
- 12 william: [sorrindo]
- 13 gloster: era: é::-- na: no catolicismo também é assim, (então) era dia das
- 14 almas, né?] você acende velas] pro: pro pros mortos (e tal), aquela
- 15 william: [anham] [(acende) velas e tal]
- ▶ 16 gloster: coisa e:: rolou assim durante muito tempo até-- vamos dizer assim,
- ▶ 17 a gente tê opção mesmo, né?=-

Nas linhas 01 e 09, ao mostra como sua família fazia parte de duas religiões diferentes, indiretamente, Gloster critica o sincretismo da família (linha 09): “domingo era: missa, sexta-feira era macumba”. No final do fragmento (linhas 16 e 17) ele deixa claro o seu descontentamento com as práticas religiosas familiares e enfatiza a idéia de que só se envolvia nelas porque não tinha autonomia: “rolou assim durante muito tempo até-- vamos dizer assim, a gente tê opção mesmo, né?”. Outra fala importante no fragmento acima é “isso só vim entender depois” (linha 07-08), com essa afirmação Gloster diz que hoje compreende aspectos da religião de seus pais que não entendia quando criança. Sua afirmação mostra que é através da assimilação de um novo sistema de corência (o evangélico) que ele está construindo a sua percepção da experiências passadas. No fragmento abaixo (7) Gloster descreve a ligação de sua família com um

“pai-de-santo” do Candomblé e fala com repugnância de uma das práticas recomendadas por ele:

Fragmento 7

Gloster: “o que você podia fazer ou deixar de fazer”

- 01 gloster: acho que era um babalorixá, né?] da:, da:-- não era nem a
 02 william: [humhum]
 ► 03 umbanda, era, era (o) candomblé], ele era uma cara que jogava
 04 william: [sei]
 05 gloster: búzios] fazia:., dava:--
 06 william: [()]
 07 gloster: vamos dizer assim:]
 08 william: [previsões]
 ► 09 gloster: [previsões e falava, a: é, é, é:]
 ► 10 falava pra você o que você podia fazer ou deixar de fazer, aquelas
 ► 11 coisas] e (a gente) a gente era ligado a isso né?], e ai tinha que
 12 william: [amham, sei] [claro]
 ► 13 gloster: fazer alguns trabalhos e tal “olha faz isso, faz aquilo..”
 ► 14 e às vezes a gente ia lá, mas muitas vezes ele ia na nossa casa,
 15 nossa casa era muito grande=
 16 william: =visitada
 17 gloster: é:: nossa casa era muito grande, tinha um quintal muito grande, um
 ► 18 pomar grande, então ele vinha lá, às vezes fazia tudo lá:: aqueles
 ► 19 banhos, né?] que agora eu acho
 20 william: [a:: sim]
 ► 21 gloster: até nojento aquele troço, né?] mas toma- (tomávamos) banho:
 22 william: [((rindo)) muitas ervas, é: é sim]
 ► 23 gloster: aquelas coisas do- do:-- e: a gente fazia isso tudo e:--

Mais do que descrever a relação de sua família com o babalorixá, Gloster critica essa ligação e o fato de sua família seguir as orientações daquele líder religioso (linha 10): “falava pra você o que você podia fazer ou deixar de fazer, aquelas coisas e (a gente) a gente era ligado a isso né?, e ai tinha que fazer alguns trabalhos e tal “olha faz isso, faz aquilo””. Ele chega a descrever uma das práticas recomendadas pelo babalorixá como sendo nojenta (linha 18): “às vezes fazia tudo lá:: aqueles banhos, né? que agora eu acho até nojento aquele troço, né?”. Toda a sua descrição feita neste fragmento serve, principalmente, para enfatizar que ele era levado a participar daquelas práticas porque não podia escolher. Essa impossibilidade da escolha é um dos principais pontos de crítica para Gloster.

Talvez o que mais chame atenção no início dessas narrativas é que todos os entrevistados, de uma forma ou de outra, constroem as experiências que tiveram com a religião da família de forma insatisfatória. Puck critica o fato de ser obrigado a participar do kardecismo; para Cordélia as práticas religiosas da família eram eventos sociais sem grande importância; Miranda se sente coagida a participar da Umbanda depois de passar por uma experiência que foi descrita como uma “manifestação” e Gloster censura o sincretismo da família, sua ligação com as práticas do Candomblé e lamenta o fato dele mesmo não ter escolha própria.

Vimos que os narradores utilizam estratégias discursivas como o uso do discurso direto e do vocabulário evangélico para realizar a sua co-construção identitária como pessoas que, de uma forma ou de outra, não estavam satisfeitas com as práticas religiosas de suas famílias. Duas considerações são importantes aqui. Primeiro é a de que essas insatisfações são construídas em uma perspectiva do presente e, segundo, que essas insatisfações fazem parte do início de uma *rede de mudança* que os conduzirão à busca por um caminho próprio, como veremos na seção a seguir.

5.3

Os primeiros passos da mudança

Nesta seção mostrarei como os narradores relatam suas primeiras tentativas de traçar um caminho religioso próprio, geralmente sem a influência direta da família. Analisarei os momentos nos quais os narradores descrevem descobertas, conflitos e as dificuldades de seguirem aquilo que constroem como sendo escolhas religiosas próprias.

Em sua experiência, Puck é obrigado a participar das práticas religiosas familiares, mas encontra maneiras de dirigir a sua atenção para aquilo que lhe era importante. No fragmento a seguir, no qual enfoca a sua experiência no centro espírita, Puck narra como ele agia para redirecionar a construção de sua identidade para as práticas que lhe interessavam. Ele descreve o seu encontro com um amigo que, aparentemente, também estava sendo forçado a participar de uma prática religiosa que não escolheu, e descreve, também, o seu comportamento naquele ambiente.

Fragmento 8

Puck: “fui forçado a entrar” (um metaleiro no centro espírita)

- ▶ 01 puck: comecei a ficar com raiva, né? entrei pro gefa porque fui

- 02 forçado a entrar, né? (.)
- ▶ 03 ia pra lá, não gostava, não prestava atenção em nada,
- ▶ 04 ia vestido de forma (.), não::, ((estala os
05 dedos)) ah::, >não vou dizer não aceitável<, mas que não tinha
06 ah:: muito::=
- 07 william: =>a ver com o contexto<
- 08 puck: a ver com o contexto, né?] eu ia com camisas de banda
- ▶ 09 william: [você ia de, de heavy metal, todo de
10 preto e tal.
- 11 puck: exato, todo de preto, com camisa com um caveirão, com a
12 bermuda com () de alguma banda, com tênis bem daqueles
13 cheio de corrente (),
- ▶ 14 e::, foi engraçado, eu conheci duas pessoas lá
15 que são meus amigos até hoje, que também iam da
16 mesma maneira ((rindo))
- 17 william: ((rindo))
- 18 puck: ai a gente pegou amizade lá, e quando chegava lá, entrava na sala
19 pra ter a chamada evangelização, né?
- ▶ 20 que seria uma aula dentro dos (.),
21 dos princípios espíritas
- ▶ 22 e::, a gente sentava assim, mais
23 num canto e ficava falando sobre a música de tal banda, que o
24 disco dessa outra banda aqui, que::: “ah, você já viu o
25 lançamento novo da, dessa outra banda?”] e tudo mais,
- 26 william: [hum]
- ▶ 27 puck: de tudo a gente falava, menos] da evangelização em si

No fragmento 8 Puck expressa seu estado de ânimo por ter sido forçado a freqüentar o centro espírita da seguinte forma: “comecei a ficar com raiva né?” (linha 1). Essa fala e as que se seguem enfatizam a idéia de que ele estava sob pressão da família e, conseqüentemente, acentua a construção de sua identidade social como oprimido. Ao dizer, por exemplo, “fui forçado a entrar” o narrador se constrói como vítima e reforça a atitude da família como opressora, ao mesmo tempo em que introduz essa opressão como uma justificativa para as atitudes rebeldes que passa a descrever em seguida (linha 03).

Até aqui, Puck tem utilizado insistentemente a estratégia de repetição de idéias (cf. Johnstone, 1994): em vários momentos ele retoma o tema da opressão de que era vítima; no fragmento 5, linha 03, por exemplo, ele diz: “eles tinham um discurso um pouco opressor”; na linha 01 do fragmento 8, “fui forçado a entrar”. Em um momento mais adiante, não incluído no exemplo acima, ele diz: “eu queria ter a minha liberdade, minha mãe tava tomando muito conta-- é, querendo me forçar muito”. Através dessa estratégia ele constrói sua família como opressora ao mesmo tempo em que se constrói como o oprimido que é levado a reagir se rebelando. Dessa forma, ele busca fazer com que o ouvinte se alinhe a sua perspectiva, levando-o a aceitar as suas atitudes rebeldes, que descreve em seguida (a partir da linha 3: “não gostava, não prestava atenção em

nada, ia vestido de forma (...) que não tinha muito a ver com o contexto, né?”), como fruto da opressão sofrida.

A descrição que Puck faz de seu comportamento e, também, da roupa que utilizava no centro espírita (a partir da linha 08) é bem detalhada (“todo de preto, com camisa com caveirão, com a bermuda, etc.”). O uso dessa descrição em detalhes e da narrativa laboviana que tem início na linha 14, mostra algumas das táticas que Puck utilizava para reagir à imposição da família. A narrativa tem como tema o seu encontro com dois amigos com os quais tinha afinidades e constitui-se, de certa forma, numa narrativa de resistência já que o narrador também se constrói como alguém que reagiu à opressão que lhe era imposta.

A construção detalhista do narrador também serve para que ele construa melhor uma imagem de quem foi no passado tendo em vista o contraste para a imagem que ele constrói de quem é agora. Dessa forma, a criação dessa imagem de metaleiro no passado é mais uma construção ancorada em sua perspectiva do presente, na qual o narrador, aos poucos, ressalta os pontos positivos de ser um convertido enquanto se constrói como um homem maduro, diferente do rapaz da adolescência.

A descrição que Puck faz de seu comportamento com o amigo a partir da linha 22, de como eles se isolavam da prática religiosa (“a gente sentava assim, mais num canto e ficava falando sobre a música de tal banda (...) e tudo o mais”), mostra uma tentativa de demarcação de identidade: ao rejeitar estudar os princípios espíritas, Puck rejeita o discurso daquela comunidade de prática religiosa, e, ainda inserido nela por obrigação reforça os discursos sobre a música *heavy-metal* como uma forma de continuar direcionando a construção de sua identidade para aquela que lhe convém, no caso, a de metaleiro. Uma das principais avaliações (cf. Labov, 1972; Bastos, 2005) trazidas nesse relato é a de que o narrador (Puck) não fazia parte do espiritismo, ainda que inserido no ambiente físico espírita.

A experiência trazida por Puck, que mostra a sua família tentando impor um sistema de coerência religioso e a sua recusa em aceitá-lo, nos leva à compreensão de que a apreensão de um novo sistema de coerência que levará o indivíduo à conversão, não funciona quando se trata de uma imposição. Ao contrário, a conversão será mais efetiva quando for resultado de um processo de apreensão gradual e sutil que implica a construção de uma, muitas vezes extensa, *rede de mudança*.

A seguir, no fragmento 9, Gloster expõe como começou a tentar buscar um caminho religioso próprio, fora das pressões para participar da prática religiosa familiar e que fosse reflexo de uma escolha própria.

Fragmento 9

Gloster: “*depois que eu saí de casa*”

- ▶ 01 gloster: agora (a) mudança mesmo foi acontecendo,
▶ 02 depois que eu saí de casa, que eu já tava
▶ 03 com a minha vida, tinha o meu trabalho (3). e comecei: (a) (nu)ma,
▶ 04 uma sede de procurar deus, acho que (3) deus era mais do que
05 aquilo] >entendeu? e:: por minha livre e espontânea vontade eu
06 william: [hamham
▶ 07 gloster: comecei a ler a bíblia, mas não me liguei a nada, lia a bíblia como
▶ 08 um livro comum:], né?<
09 william: [sei]
▶ 10 gloster: e:: junto a bíblia lia muito-- já fazendo arte marcial, lia muito
▶ 11 sobre::, sobre:: (4), como é que é? esqueci, me fugiu agora (2) é::
▶ 12 (o) budismo] as filosofias, né?] budismo tem muita filosofia legal,
▶ 13 william: [(a) budismo] [amham]
14 gloster: né?] aí eu lia] muito (...) e ficava dividido (sei lá) eu queria seguir
15 william: [tem] [muito prático, dizem que é muito prático]
16 gloster: alguma coisa essa que é a realidade], eu já tinha nessa idade
17 william: [amham]
▶ 18 gloster: uma vontade assim,] de seguir alguma coisa--
19 william: [mas ou menos que idade, assim?
▶ 20 gloster: vinte e um], vinte, vinte e um anos, queria seguir, eu não queria só
21 william: [amham]
▶ 22 gloster: ficar indo a: eu achava que aquilo-- missa ao domingo-- que
▶ 23 também as missas... não me diziam nada, que você entrava, recebia
24 o papelzinho], né? e, e o padre repetia e você repetia
25 william: [amham]
26 gloster: junto com o padre], muito vazio, muito doutrinário, (não) é uma
27 william: [seria isso muito ritualístico]
▶ 28 gloster: coisa que (não) também, eu achava que deus não era isso], porquê?
29 william: [humhum]
30 gloster: desde pequeno, embora tivéssemos esse, essa missigenação aí de
31 religião, mas a gente fazia as nossas orações que na época (a
32 gente) falava, que rezava, né?] fazíamos as nossas orações é::
33 william: [humhum]
34 gloster: todo dia na hora de deitar: era o costume] da família, foi passado,
35 william: [amham]
36 gloster: né? fazê o sinal da cruz:: aquela coisa, né? e::, nas reuniões de, de
37 -- também] () botava fitinha aquele banhozinho] e: acho que
38 william: [de umbanda () ((risos))] [amham]
39 gloster: muita gente-- acho que o brasileiro foi criado], em tese, foi criado
40 william: [é]

- 41 gloster: assim, né?=
 42 william: =muita gente
 ► 43 gloster: aí, mas com, com vinte um anos, (a) eu fiquei dividido, como eu
 ► 44 tava dizendo, entre... o., o catolicismo., né? e:, e:: (1) não era nem
 ► 45 no catolicismo era a... leitura da bíblia e o, e o budismo, a, e os
 ► 46 livros de budismo, né? que era o (nitirei) daichonin, e tal

No fragmento acima Gloster fala da dificuldade de encontrar uma prática religiosa que lhe trouxesse satisfação. Ele coloca (entre as linhas 22 e 28) que o catolicismo era algo que não lhe satisfazia. Ele imputa essa insatisfação ao caráter repetitivo da missa e à falta de conteúdo dos rituais: “as missas não me diziam nada, (...) e o padre repetia e você repetia junto com o padre, muito vazio, muito doutrinário”. Vivendo essa insatisfação, Gloster entra em contato com os ensinamentos budistas (linha 12) e ficou, em suas palavras (linha 43), dividido entre a sua leitura da Bíblia (linhas 05 e 45) e o budismo (linhas 12 e 45). Em todo o fragmento há uma forte preocupação em marcar o passado como insatisfatório: as práticas religiosas da família são construídas como algo que foi “passado” (linha 34) como um costume a ser repetido simplesmente; o ritual católico é construído como vazio, repetitivo e doutrinário. Sua construção também diminui o papel das práticas religiosas do passado em sua vida, ele as generaliza transformando-as em práticas comuns sem maior importância pessoal; nas linhas 36 a 39, por exemplo, “fazer o sinal da cruz”, “botar fitinha” e os “banhos” rituais são descritos como práticas inerentes aos brasileiros em geral “o brasileiro foi criado (...) assim” (linha 39). Dessa forma, a construção que Gloster realiza das práticas religiosas da família e mesmo de momentos de sua busca espiritual, como a sua afiliação às idéias budistas, está ancorada em sua perspectiva presente de convertido a uma igreja evangélica.

Gloster descreve sua trajetória como estando sempre impulsionada pela busca religiosa, chegando, mesmo, a construir, no fragmento 9, a sua necessidade de participar de uma religião como sendo um impulso natural. Na linha 03, por exemplo, ele diz que começou “numa sede de procurar deus”, e entre as linhas 16 e 18 ele coloca que queria “seguir alguma coisa”, enfatizando a idéia de sua busca precoce pela religiosidade (linhas 16 e 18): “eu já tinha nessa idade uma vontade assim, de seguir alguma coisa”. Na linha 05 ele já havia trazido essa idéia ao dizer que começou a ler a Bíblia por “livre e espontânea vontade”. Ao construir sua inclinação religiosa como um impulso natural, Gloster desconsidera as influências sociais na formação dessa necessidade. Mesmo que não se dê conta disso, ele está ligado a redes de relações sociais e é influenciado por

elas. Gloster pode não perceber, mas a sua motivação não é gratuita; ela é o resultado de uma longa assimilação de sistemas de coerência religiosos. Essa apreensão gradual do sistema de coerência constitui a base de uma extensa *rede de mudança*, cujas origens estão em sua própria formação familiar, e que o levarão ao *fluxo de mudança* de sua conversão.

No próximo fragmento (10) Gloster descreve a sua aproximação com o budismo, de como levou a sua família a se alinhar a essa nova prática religiosa e de como ele ainda não fora capaz de encontrar satisfação religiosa.

Fragmento 10

Gloster: “*eu pratiquei o budismo*”

- ▶ 01 william: =mas você chegou a: freqüentar os templos budistas e tal?=
▶ 02 gloster: =eu pratiquei o budismo, né? minha mãe entrou pro budismo,
▶ 03 né?]- de tanto eu eu falá (“o mãe”) ela ficou tão interessada,
04 william: [amham]
05 gloster: começou a ler--
06 (...)
▶ 07 e:: minha mãe começou a freqüentar, e eu
▶ 08 não freqüentei logo de início], mas ia assistir e tal, aí comecei,
09 william: [amham]
▶ 10 gloster: também a praticar,
▶ 11 (...)
▶ 12 eu praticava, de manhã (virava) pro sol:: e:, e: repetia essas
▶ 13 palavras, mas, é, na verdade-- sabe porquê que eu achava vazio?--
▶ 14 eu fui--]continuei com a minha busca, né? e num:, não conseguia=
▶ 15 william: [nuam::] =você não:: se
▶ 16 identificou com o budismo ainda, né?=
▶ 17 gloster: =a única coisa que eu me identificava no budismo eram as
▶ 18 palavras] a filosofia (linda), lia, eu uso, eu gosto até hoje=
▶ 19 william: [a, a filosofia] =mas o, a
▶ 20 prática deles não, não encaixava=
▶ 21 gloster: =mas a prática não encaixava], porque eu achava poxa será que:
22 william: [amham]
23 gloster: pra falar com deus eu tenho que] repetir-- será que deus é surdo?
24 william: [repetir duas mil vezes ((riso))]
25 gloster: que eu tenho que ficá falando a mesma coisa, será que se eu chegar
26 pra deus e abrir meu coração e falar pra ele que eu, que eu
27 gostaria] será que ele, não poderia, de repente, me abençoar? me
28 william: [umhum]
29 gloster: agradecer, me abrir uma porta?-- eu não tinha essa idéia, né? mas eu
30 já pensava assim né?

A afiliação ao budismo foi a primeira tentativa que Gloster empreendeu para construir um caminho religioso próprio. Nessa tomada de posição (e em outras que veremos adiante) chama atenção o fato de que ele não se contentou em seguir sozinho, mas levou sua mãe a participar também (linha 7) de sua nova religião. Em outro momento da entrevista ele relata o longo trabalho de convencimento para levar sua mãe para o budismo.

No fragmento 10 acima, continua sendo patente que Gloster constrói sua narrativa de estória de vida tendo em vista a perspectiva de seu final, ou seja, do ponto de vista de um convertido a uma igreja evangélica. A partir da linha 21, toda a crítica ao budismo é construída com o discurso evangélico, que é evidenciado em expressões usadas em relação a Deus, como “falar com deus” (linha 23), “abrir meu coração”, “me abençoar” (linha 27), “me agradecer, me abrir uma porta” (linha 29). O uso do discurso evangélico é tão claro nessa crítica que o próprio Gloster indica a impossibilidade dele pensar de forma evangélica antes de sê-lo e se contradiz nas linhas 29 e 30: “eu não tinha essa idéia, né? mas eu já pensava assim né?”.

Da mesma forma que Gloster, Miranda busca traçar um caminho religioso próprio para fugir da imposição da religião de sua família (ver fragmento 4). Em sua busca ela se alinha às práticas da igreja messiânica, mas, assim como na estória de vida de Gloster, essa experiência não lhe trouxe a satisfação desejada:

Fragmento 11

Miranda: “*ai freqüentei a messiânica*”

- ▶ 01 miranda: ai freqüentei a messiânica--, porque tudo isso porque eu tava
- ▶ 02 fugindo do espiritismo
- ▶ 03 william: ah, você tava fugindo da umbanda, no caso, né?
- 04 miranda: é, é, ai fui pra messiânica--, mas--, fui assisti (até) as aulas né? ai
- 05 quando chegou na época de ser outorgada, o ministro me chamou,
- 06 e eu fui franca pra ele, que não: (.), ↑ não queria ser outorgada, por
- ▶ 07 enquanto, enquanto-- não tinha o mestre, eu não via o mestre da
- ▶ 08 forma (que eles [viam na oração])
- 09 william: [ah, tá, da igre-- (isso) na igreja ↑ messiânica=
- ▶ 10 miranda: =é o mestre sama=
- ▶ 11 william: =ah, tá=
- 12 miranda: =>ai eu falei< “ah, eu não consigo, né? ter aquela adoração pelo
- 13 mestre sama”, tem--, se eu vou ser é:, messiânica, eu tenho que
- 14 amar o meu mestre né?] e essa coisa não me batia=
- 15 william: [ah::] =mas você, ai

- 16 então, quando você entrou pra igreja messiânica, você não:, não
 17 freqüentava mais a ↑umbanda=
 18 miranda: =não, não, não=
 19 william: =não=
 ► 20 miranda: =ai::, eu fui conse--, >quer dizer<--, eu freqüentei--, eu fui assim
 ► 21 praticamente que obrigada, por essas coisas de, de saúde, ai
 22 fizeram] algumas coisas em mim], mas, fizeram, assim, algumas
 23 william: [ah::] [sua família]
 24 miranda: coisas e eu me afastei, tá? ai como eu não aceitava o meijosama,
 25 não conseguia::, aquilo não batia no meu coração, sabe como é que
 26 é? >eu falei<, “não posso ser messiânica se eu não aceito o mestre”

No fragmento acima podemos perceber que Miranda constrói sua insatisfação de forma muito similar àquela trazida por Gloster em seu relato, uma vez que ambos alegam a falta de uma adequação às suas novas escolhas religiosas. Eles alegam gostar de uma parte das práticas, mas não conseguem se alinhar à sua totalidade. Há em ambas as histórias de vida algo em suas novas práticas religiosas com o qual eles não se adaptam, ou como coloca Miranda, na linha 14, “essa coisa não me batia”.

Diferente de Gloster e Miranda, que buscaram novas práticas religiosas e de Puck que tenta se livrar de qualquer tipo de prática religiosa, Cordélia passa a freqüentar a religião da família, mas ela também se mostra insatisfeita com essa primeira opção.

Fragmento 12

Cordélia: “eu, só freqüentei, graças a deus só freqüentei”

- 01 cordélia: comecei a freqüentar mesmo um lugar fixo aos dezessete anos,
 ► 02 para os dezoito anos,] levada pela minha prima
 ► 03 william: [e era::, no caso, era umbanda
 04 cordélia: umbanda.
 05 william: umbanda
 06 cordélia: umbanda, e ai freqüentei até me converter
 ► 07 william: ah, como é que vo--, é:: como é que era lá, como que era o trabalho
 ► 08 lá e como é que você se sentia?
 09 cordélia: olha (2), é::, na verdade (3), lá era uma::, você quer saber o tipo de
 ► 10 umbanda?
 ► 11 william: é, como que cê--, como era a sua relação, como é que você
 12 chegava, como é que você trabalhava lá
 13 cordélia: eu, só freqüentei], graças a deus só freqüentei, não::, essa--, é uma
 14 william: [hum]
 15 hum, história longa, mas assim, eu não (4), não, não era feliz, eu::=
 16 william: =você freqüentava mas não fazia parte dos trabalhos.] é isso o que
 17 cordélia: [não, não,
 18 william: você quer dizer
 19 cordélia: quando eu ia começar (2), foi até, isso foi um

- 20 livramento de deus mesmo], depois eu até conto com mais
- 21 william: [hum]
- 22 cordélia: detalhes, mas--, foi, eu sei que literalmente deus não queria que
- 23 isso acontecesse é::, mas eu fiquei o tempo inteiro freqüentando,
- 24 william: humhum
- 25 cordélia: mesmo, só freqüentava, me consultava, e só], até o final, assim,
- 26 william: [humhum]
- 27 cordélia: quando eu tava me convertendo ai que eles queriam que eu-- ai a
- 28 coisa aconteceu que não, não, eu não me desenvolvi
- ▶ 29 william: e consultava é o quê? que você diz?
- ▶ 30 cordélia: (), uns guias, né? entre aspas ((rindo))
- 31 william: mas era::, era::=
- 32 cordélia: =só eram as entidades, né?
- 33 william: hamham, búzios?] era alguma coisa assim, não?
- 34 cordélia: [não
- 35 william: era tipo assim abaixava,] a pessoa incorporava=
- ▶ 36 cordélia: [baixava, isso, e ai era preto velho,
- ▶ 37 caboclo
- 38 william: ah, sim
- ▶ 39 cordélia: e ai, me consultava, eu queria:: (2) ↑ e ai perguntava, né? coisas da
- ▶ 40 vida:: perguntava (.), e eles me (.), respondiam
- 41 william: humhum
- 42 cordélia: (1) e::, mas eu não=
- 43 william: =ai você se satisfazia com as perguntas? >(com que eles diziam)<,
- 44 ↑o quê você achava disso? como é que era?
- 45 cordélia: eu ↑acreditava
- 46 william: humhum
- ▶ 47 cordélia: só que tinham coisas assim, sempre quando a coisa me batia ruim=
- 48 william: =humhum
- ▶ 49 cordélia: ai eu falava, “não”, mas ai dava um jeitinho de fazer com que-- (2),
- 50 com que=
- 51 william: =as coisas se encaixassem=
- ▶ 52 cordélia: encaixassem, mas na verdade::, eu já ouvi cada coisa terrível] lá
- 53 william: [humhum]
- 54 cordélia: dentro e hoje eu, hoje eu entendo
- 55 william: humhum
- ▶ 56 cordélia: °hoje eu entendo, graças a deus°, e::, eu não era feliz, eu vivia mal
- 57 humorada, brigando com todo o mundo.
- 58 william: humhum
- 59 cordélia: era, era um inferno em casa, eu não--, sabe quando você não se
- 60 integra?
- 61 william: sei
- 62 cordélia: eu brigava na casa do meu pai, com a-- na época que eu morava
- 63 com meu pai e minha avó, era briga todo o dia, depois quando eu
- 64 vim morar com a minha mãe eu, vivia isolada, assim, >conversava
- 65 alguma coisa, mas não tinha aquela integração, família<], vivia
- 66 william: [ham:::]
- ▶ 67 cordélia: mal humorada, vivia brigando, só, sabe? só tava feliz na rua::, na
- ▶ 68 boate, bebendo] >esse feliz

- 69 william: [humhum]
 ► 70 cordélia: é aquele, aquela felicidade:, alegria temporária, né?]

Da mesma forma que os outros entrevistados, Cordélia também constrói a sua experiência na primeira comunidade de prática religiosa tendo por base a sua perspectiva presente, ou seja, a de convertida a uma igreja evangélica. Toda a descrição de sua experiência insatisfatória é feita com base no discurso da comunidade de prática religiosa na qual está inserida no momento da entrevista. Podemos perceber o discurso protestante influenciando sua narrativa em vários momentos. Logo na linha 13, ao ser perguntada sobre o tipo de atividade que exercia na umbanda, ela diz: “eu, só freqüentei, graças a deus só freqüentei”. Quando o entrevistador pergunta se ele fazia parte dos trabalhos ela diz (linha 19) “quando eu ia começar (2), foi até, isso foi um livramento de deus mesmo”, e na linha 22 ela acrescenta: “eu sei que literalmente deus não queria que isso acontecesse”.

Cordélia constrói a sua insatisfação com a Umbanda em duas perspectivas: a primeira é a insatisfação com as repostas oferecidas pelos guias nas consultas que fazia. Na linha 49, ela diz que as respostas não eram claras, era ela quem procurava dar significado ao que lhe diziam: “mas ai dava um jeitinho de fazer com que- (as coisas) se encaixassem, mas na verdade::, eu já ouvi cada coisa terrível lá”. A segunda perspectiva é baseada no descontentamento com a sua vida pessoal. Na linha 56 ela diz: “e::, eu não era feliz, eu vivia mal humorada, brigando com todo o mundo era, era um inferno em casa”. A construção de sua relação com a Umbanda de maneira insatisfatória, nesse momento da entrevista, é importante, pois servirá como contraste para a construção que ela realizará de sua satisfação com a sua prática religiosa atual. Nesse sentido, a construção trazida no fragmento acima está ancorada na perspectiva que a narradora tem do presente e tem em vista o sentido de final de sua narrativa de conversão.

Outro ponto que aparece no fragmento 12 e que será retomado depois na construção de sua estória é que, ao descrever a sua insatisfação com as relações interpessoais (na linha 65, por exemplo, ela coloca que em sua relação familiar ela “conversava alguma coisa, mas não tinha aquela integração, família”), Cordélia pressupõe que a religião é algo que não deve ficar circunscrito a determinadas práticas ou locais de reunião, mas que deve atingir e favorecer a vida do indivíduo como um todo.

Nessa etapa de suas *redes de mudança* todos os entrevistados constroem suas primeiras experiências religiosas de maneira insatisfatória: Puck constrói sua experiência no kardecismo como algo que fora forçado pela família. Ele não se adapta àquela prática religiosa e se volta para o mundo heavy-metal como uma atitude de resistência.

Gloster, depois que sai de casa, tem oportunidade de buscar experiências religiosas diferentes da família, mas ele constrói a sua primeira tentativa como tendo sido incompleta: ele gostava da filosofia do budismo, mas não se adaptava às suas práticas.

Miranda, fugindo da Umbanda, encontra a Igreja Messiânica, mas ela diz que não conseguiu atingir o grau de identificação que os outros membros da igreja tinham para com suas práticas e o seu mestre.

Cordélia constrói sua experiência na Umbanda de forma insatisfatória, principalmente porque não era uma religião que influenciava positivamente outros aspectos de sua existência como suas relações familiares e a sua busca amorosa.

Vimos que dois elementos são recorrentes na construção discursiva da *rede de mudança* nesta seção; o primeiro é a crítica a religião familiar e o segundo é a insatisfação com a experiência religiosa não evangélica. Essas insatisfações construídas nas falas dos entrevistados e que foram analisadas nos fragmentos acima constituem apenas uma das primeiras etapas da *rede de mudança* que os levarão à sua construção identitária de convertidos. Elas serão os motivadores da busca por uma prática religiosa com a qual essas pessoas se identifiquem e é a descrição dessas novas experiências que teremos no próximo segmento.

5.4

Outros caminhos

Depois de narrarem os seus primeiros passos para uma escolha mais independente da influência de suas famílias, os narradores, cada um a seu modo, se deparam com experiências religiosas insatisfatórias. Agora veremos como eles narram a sua busca por alternativas.

Das narrativas que trago aqui, talvez seja a de Puck aquela que traga a experiência mais singular nessa fase: primeiro ele diz abominar o Deus da tradição de seus pais construindo-o como um Deus injusto a quem imputava todos os males humanos e,

depois, constrói uma identificação com um Deus tirado de um jogo de RPG, como veremos nos fragmentos seguintes.

Fragmento 13

“eu tinha ódio dele”

- ▶ 01 william: = porque antes você não acreditava.
- 02 puck: antes eu acreditava em deus mas eu via ele como um desgraçado
- ▶ 03 que botou a gente aqui pra sofrer]
- 04 william: [ah::] ((rindo))
- 05 puck: por isso que eu tinha ódio dele e dizia que
- 06 quando eu morresse eu ia subir aos céus, ia chutar a:.,
- 07 <desculpe o termo,> ma,
- ▶ 08 mas (eu)] ia chutar o rabo dele,] depois ia
- 09 william: [ahm] [hamham]
- 10 puck: descer no inferno e chutar o rabo do diabo também, e mostrar
- 11 quem é que mandava em tudo, né?] era esse é o tipo de discurso
- ▶ 12 william: [((rindo))]
- 13 puck: que eu utilizava

Para a análise do fragmento acima proponho a percepção de dois fatores: o primeiro é o de que a assimilação, ainda que parcial, de um sistema de coerência é uma das premissas para que alguém se converta, e o segundo é que mesmo as idéias que tenham sido explicitamente rejeitadas por uma pessoa podem se tornar uma parte poderosa de sua identidade (cf. Rambo, 1993:25). Ao relatar a sua compreensão de Deus no fragmento 13, Puck, em tom jocoso, demonstra, na segunda linha, que já havia assimilado um conjunto de crenças de caráter religioso (“eu acreditava em deus mas eu via ele como um desgraçado que botou a gente aqui pra sofrer”). Ainda que tivesse raiva de Deus, Puck não deixa de acreditar na sua existência. Com isso, ele indica que já estava inserido em uma *rede de mudança* que o tornava predisposto a se tornar um crente (da mesma forma que, como trazido no relato bíblico – livro de Atos –, Paulo pouco a pouco se tornava um crente ao ser exposto aos discursos daqueles que perseguia).

Outro momento interessante para a análise desse processo, no qual Puck tem diferentes interpretações da divindade, se encontra no fragmento 14, quando ele relata que, influenciado por narrativas de RPG, começa a formular uma nova concepção de Deus. Puck afirma que, em um dado momento de sua vida, a sua concepção de Deus era próxima de um ser, de características mitológicas, com o qual ele tinha contato nas sessões em que jogava RPG com seus amigos:

Fragmento 14

Puck: “*aquele deus guerreiro*” (criando o seu próprio Deus)

- ▶ 01 puck: eu dizia acreditar em deus, um deus forte poderoso--,
02 >nessa época eu jogava muito rpg<
03 william: humhum
04 puck: não sei se você [conhece rpg,
05 william: [já, conheço algumas coisas.
06 puck: e::, eu jogava nessa época um jogo medieval, que foi inclusive
07 criado por um amigo meu, e::, eu jogava com o personagem de
08 um anão
09 william: humhum
10 puck: que era um::, guerreiro.
11 william: humhum
▶ 12 puck: e ele era devoto a um deus, (né?)
13 porque tem, tem vários deuses]
14 william: [humhum]
▶ 15 puck: nesse mundo que esse amigo meu criou, e::, ele acreditava num
16 deus que era aquele deus poderoso, como se fosse um thor, né?
17 deus do trovão,] e tudo o mais
18 william: [sei]
▶ 19 puck: e a minha visão de deus estava um pouco influenciada =
20 = por isso, por isso, nessa época,
▶ 21 então eu acreditava naquele deus
▶ 22 poderoso, aquele deus que::, que:: =
23 william: o deus do antigo testamento? Não?
24 puck: não, porque o deus do antigo testamento, quando ele se irava
25 ele(.), ele pegava e castigava mesmo os,] os judeus, né? mas eu
26 william: [hum::]
27 puck: digo assim::, aquele deus guerreiro], mais guerreiro do que::, um
28 william: [ah, guerreiro]
29 puck: deus mesmo, né? >e eu tava acreditando meio que naquilo

No fragmento, 14 Puck explica a natureza do Deus que ele passou a acreditar. Através de seu contato com as narrativas do RPG, Puck encontra material e suporte para externalizar a sua crença numa deidade, criando para si um Deus que refletia suas experiências positivas (o próprio ambiente do RPG e, também, do *heavy metal*), como ele coloca na linha 19: “e a minha visão de deus estava um pouco influenciada (...) por isso, nessa época, então eu acreditava naquele deus poderoso”. Outro aspecto importante é que, ao ser perguntado pelo entrevistador se o Deus, que ele então concebia, tinha paralelo com o Deus concebido pelos judeus (na linha 23: “o deus do antigo testamento? não?”), ele faz questão de mostrar que a sua construção não estava ligada à concepção de um Deus dominador presente na tradição judaico-cristã e que também se encontra presente no espiritismo kardecista (prática religiosa também conhecida pelo termo espiritismo cristão): “não, porque o deus do antigo testamento, quando ele se irava ele (.), ele pegava e castigava mesmo os, os judeus, né?”. Através da construção de um Deus diferente, ele dá conta de duas questões; ele dá vazão à sua

- 23 fundo] ai eu falei “puxa que bacana”, ai o
 24 william: [amham]
 25 gloster: pessoal fazendo oração em volta, ai, de vez em quando vinha um lá
 26 e-- fazia um negócio lá, né? pegava um não sei o quê, uma
 ► 27 entidade sei lá ((sorrindo)), e::, mas tava tudo silencioso, não era
 ► 28 como um tempo atrás que tinha que bater tambor] eu achei
 29 william: [batucada e tal
 30 era um outro conceito de espiritualidade
 31 gloster: é, eu achei bonito, e aí veio na minha mente assim, poxa “um dia eu
 32 gostaria... de fazer isso, pra ajudar, se isso é pra ajudar] eu
 33 william: [amham]
 34 gloster: gostaria” (2), mas ficou nisso, eu ia de vez em quando lá

Entre as linhas 01 e 09 do fragmento acima, Gloster se refere ao fato de ser, de longa data, um leitor da Bíblia. Além de indicar, mais uma vez, que Gloster constrói sua narrativa tendo em vista a perspectiva do presente, essa passagem vem ao encontro da percepção que desenvolvo nesta pesquisa de *rede de mudança*: ao relatar que a sua experiência de leitor da Bíblia não é algo recente, ele nos oferece mais uma pista de que a sua conversão envolveu um longo processo de assimilação de idéias, através de diferentes práticas discursivas, para que ele atingisse o *fluxo de mudança* que foi a sua conversão. Ao enfatizar que “nunca tinha deixado” a leitura da Bíblia (linhas 01 e 02), ele se constrói como um candidato em potencial à conversão a uma igreja evangélica.

A partir da linha 10 Gloster, prossegue na descrição de sua busca espiritual: “depois de um tempo eu comecei a buscar”, e dá início a narração de sua experiência em um outro tipo de espiritismo, que, pela descrição que faz, parece ser kardecista. Gloster constrói sua narrativa como estando sempre em busca de se sentir realizado na faceta religiosa de sua identidade social. Assim, a sua busca lhe proporciona o confronto com novas idéias e práticas religiosas que lhe eram desconhecidas: (linha 26) “não era como um tempo atrás que tinha que bater tambor”. Essa fala de Gloster sobre a prática religiosa da família em confronto com a descrição que faz do espiritismo (“era um outro conceito de espiritualidade”) e, mais adiante, da igreja evangélica, mais uma vez demonstram que as religiões de origem africana aparecem na fala dos narradores como as práticas religiosas mais desvalorizadas e estigmatizadas (cf., também, o fragmento 07). Chamo atenção para este ponto em outro momento da análise. Agora veremos um pouco mais da experiência nesse tipo de religiosidade na análise da narrativa de Miranda.

No próximo fragmento (16) Miranda conta como iniciou sua experiência no Candomblé, prática religiosa que ela seguiu por vinte e quatro anos antes de se converter a uma igreja evangélica. Ao contrário de Gloster que, até então, narra sua trajetória como uma busca por fazer parte de uma comunidade religiosa, Miranda narra sua entrada no Candomblé como uma experiência à qual fora levada devido ao que ela e a sua família interpretavam como sendo manifestações espirituais que afetavam a sua saúde. No fragmento abaixo, Miranda narra o dia em que, enquanto esperava um amigo para um encontro, teve a manifestação que lhe conduziu, efetivamente, ao Candomblé:

Fragmento 16

Miranda: “*raspei santo*”

- 01 miranda: eu falei “ah”, me convidaram pra jogar uma partidinha eu falei
 02 “ah, vou jogar”, eu fiquei jogando buraco, e pá, pá, pá, jogando
 03 buraco, >você sabe como é que é né?<, a gente vai passando a hora,
 04 né?
 05 william: ahmham
 06 miranda: ai eu liguei pra minha mãe, disse onde eu estava e fiquei jogando
 07 buraco (.), e ele foi dá o candomblé dele, ele é candoblecista
 08 william: ahm::
 09 miranda: ele foi dá o candomblé dele lá, eu falei “olha, vou ficar aqui, nem
 10 me chama pra ir lá porque:.”,] “não, pode deixar”, ele::, “não, tudo
 11 william: [perigoso]
 12 miranda: tem nada não pode ficar ai”, só que eu deitei, dormi e não
 13 bem, não acordei mais (2), ah, de madrugada, eu quando terminou
 14 o jogo, tipo assim, meia noite, coisa e tal eu me deitei, a:i, eu
 15 fiquei vendo televisão, >a mãe dele falou assim:<, “oh, você fica
 16 vendo televisão, a hora que te der sono, você, você desliga a
 17 televisão”, “tá bom”, só que eu me deitei e não acordei mais, isso é
 ► 18 o chamado bolar
 ► 19 william: ah, bolar,
 20 miranda: já ouviu falar, né?
 21 william: não, nunca ouvi falar
 22 miranda: bolar pro santo, ele tava lá na roça dele--, ai quando terminou o
 23 candomblé, já de manhã, sete horas da manhã, (.) que a mãe dele
 24 entrou e me viu deitada no chão, e ela já tinha tentado, me acordar
 25 pra que eu passasse pra cama, mas ela não entendia porque que eu
 ► 26 tava (.) no chão, e não tava (na cama), quer dizer, na verdade eu
 ► 27 não estava no meu sono normal, eu estava bolada, né?
 28 william: ahmham
 ► 29 miranda: ai, chamou lá ele, ele veio e falou “ah, ela tá bolada”, ai foram,
 ► 30 chamaram meus pais, coisa e tal (.), ai::=
 ► 31 william: =seus pais eram da umbanda?
 ► 32 miranda: minha fa--, meus pais, mãe]; ai ele::, quando eu voltei a mim, eles
 33 william: [ah]

- ▶ 34 miranda: me acordaram, ele me falou, “oh, (.) °o santo te deu um prazo° pra
▶ 35 você fazer, porque você tá com problema de saúde espiritual, não
▶ 36 sei o quê”, enfim, essas coisas, e eu sempre assim, nunca gostei de
▶ 37 ficar:: em cima do muro, eu posso até::, me jogar pro alto, sabe? me
▶ 38 atolar, mas eu tenho que::], sabe? eu falei, “oh, chega disso, eu já
39 william: [ahmham
40 miranda: tô, assim sabe? cansada dessa história toda], tá bom, se é pra
41 william: [ahmham
▶ 42 miranda: minha saúde::”, isso aconteceu::, doze, treze de outubro], quando
43 william: [ahmham
▶ 44 miranda: foi dia vinte e oito de novembro eu tava saindo, assim, em um mês,
▶ 45 eu me arrumei, recolhi, fiquei vinte e um dias recolhida, comprei--,
▶ 46 meus pais compraram tudo e teve a minha saída, raspei santo
47 william: saída é você entrar dentro da::] ()
48 miranda: [é::] iniciar], né?, raspar::, né?
49 william: [iniciar] [uhmuhm]

O fragmento acima traz a narrativa de conversão de Miranda ao Candomblé. A narradora constrói a sua entrada nessa prática religiosa como tendo sido casual, fruto de uma manifestação involuntária (linha 17: “eu me deitei e não acordei mais”), causada por um problema de saúde espiritual (linha 35: “porque você tá com problema de saúde espiritual”). No entanto, se olharmos a construção da estória de Miranda desde o início, veremos que ela tinha condição de dominar bem o sistema de coerência das religiões afro-brasileiras, já que este era um sistema que, como vimos nos fragmentos anteriores, ela vinha assimilando de longa data. Miranda não poderia ter-se entregue à prática do Candomblé ao acaso.

A experiência de Miranda no Candomblé, tal como narrada no fragmento, mostra que, ainda que os narradores possam construir determinados eventos em suas experiências de vida como sendo acontecimentos casuais, na verdade, eles fazem parte de uma *rede de mudança* que possibilita a entrada do indivíduo em um novo modelo de atuação no mundo social diferente daquele que atuava anteriormente. Para que o *fluxo de mudança* aconteça é necessário a apreensão e o uso de um novo sistema de coerência. Embora Miranda construa a sua entrada no Candomblé como fruto de uma manifestação involuntária, em outros momentos, a sua narrativa nos mostra que ela já absorvia o discurso das religiões afro-brasileiras desde a infância. No fragmento 4, linha 25, por exemplo, sabemos que sua família era praticamente de ritos afro-brasileiros e que, portanto, ela estava exposta aos seus discursos desde o início de seu processo de socialização. Quando ela teve a “manifestação” que a conduziu à prática do Candomblé, todos ao seu redor interpretaram o acontecimento como um fenômeno espiritual

(fragmento 16, linha 34). Se o mesmo tivesse acontecido em uma família de médicos ateus, por exemplo, a interpretação seria diferente porque o *sistema de coerência* seria outro. Dessa forma, somos levados a interpretar os acontecimentos do mundo de acordo com os sistemas discursivos de coerência aos quais estamos expostos. A esse respeito cabe a colocação de Linde (1993:188-9) de que

“qualquer adulto tem acesso a uma ampla gama de teorias que podem ser utilizadas para dar sentido aos eventos da vida. Essas teorias podem ser sistemas explícitos que requerem práticas tais como a ligação formal ao sistema e às suas crenças; participação em eventos; contribuições em dinheiro; e mudanças nas práticas sexuais, alimentares ou de ingestão de bebidas. Ou eles podem ser sistemas não explícitos – crenças implícitas na cultura que não requerem ligação ou reconhecimento formal e que, sem uma análise cuidadosa por um ouvinte ou leitor, passam despercebidas como teorias, aparecendo, ao invés disso, serem apenas mais um exemplo da maneira normal de se falar”

No caso da experiência narrada por Miranda, não houve contestação, por parte dela ou de sua família. A crença na possibilidade de influência espiritual estava tão implícita no sistema de coerência da família que a explicação de seu sono profundo como sendo uma manifestação espiritual foi aceita facilmente.

Para ressaltar a idéia de uma conversão involuntária Miranda se constrói como tendo sido atingida por uma força externa sobre a qual não tinha poder: “eu me deitei e não acordei mais, isso é o chamado bolar” (linha 17); uma força à qual era levada a obedecer: “ele me falou, “oh, (.) o santo te deu um prazo pra fazer, porque você tá com problema espiritual”. Essa construção é importante porque, como veremos no próximo capítulo, ela é realizada em contraste com aquela de sua conversão ao protestantismo, que é construída como sendo voluntária. Esta diferença mostra não apenas diferentes percepções de conversão (aquela para uma religião afro-brasileira e aquela para uma religião cristã), mas também que a narradora possui um sentido de final, já que ela ressaltará a conversão ao protestantismo em detrimento daquela ao Candomblé, e constrói sua narrativa ancorada em uma perspectiva do presente, ou seja, aquela de ser convertida a uma igreja evangélica.

Mais adiante, na análise de sua construção narrativa em outros fragmentos, perceberemos que “raspar santo”, foi apenas o começo de muitos anos de comprometimento, obrigações e deveres dentro da prática do Candomblé. Abordarei também as implicações desse processo na construção de uma outra rede de mudança:

aquela que a conduzirá a se converter a uma igreja evangélica. No próximo fragmento Miranda descreve um pouco do complexo processo iniciático ao Candomblé:

Fragmento 17

Miranda: “*um ano de resguardo*”

- 01 miranda: raspar, (3) >raspar, (cabular), tudo], ai, fiquei lá, fiquei um ano de
 02 william: [ahmham]
- ▶ 03 miranda: resguardo, sabe o quê que é isso? um ano de resguardo
 ▶ 04 william: o quê que é isso? um ano de resguardo?
 ▶ 05 miranda: um ano de resguardo porque::, quando eu fiz santo--, são três
 ▶ 06 meses de resguardo], só=
 07 william: [ah] =o quê que você não pode fazer nesse período?
 ▶ 08 miranda: a, sim, é: comida específica, não posso dormir na cama , só durmo
 ▶ 09 na esteira, não posso comer de garfo e faca, só (.) com a:: mão
 10 william: ah:
 ▶ 11 miranda: entendeu? não posso entrar em lugares públicos como::
 ▶ 12 restaurante, quem bebe--, eu nunca bebi mesmo], >não é de
 13 william: [ahmham]
- ▶ 14 miranda: agora<, eu nunca bebi mesmo, mas quem beber, entendeu?] não
 15 william: [ah::, tá]
- ▶ 16 miranda: pode ir ao cinema, nada disso], né? fica voltado pro mundo
 17 william: [ahmham]
- ▶ 18 miranda: espiritual mesmo], e eu fiquei um ano=
 19 william: [sei]=ficou um ano assim] nesse processo
 20 miranda: [é] que, na
 ▶ 21 verdade, era três meses, na verdade, são três meses, mas eu fiquei
 ▶ 22 um ano por uma série de coisas,
 23 que prá encurtar], ai--, a não ser que te, que te é de interesse
 24 william: [tá] não,
 25 miranda: não pode passar?] então, fiquei um ano, tudo bem, ai as coisas
 26 william: [pode passar]
- ▶ 27 miranda: foram acontecendo, só que, é::, espiritualmente, eu com sete anos,
 ▶ 28 eu receberia, assim o chamado, vamos dizer assim, ()
 ▶ 29 ↑receberia as honras, como uma zeladora], só que isso me
 30 william: [ah::]
- ▶ 31 miranda: aconteceu antes com três=
 32 william: =como u--, uma o quê?
 ▶ 33 miranda: zeladora
 34 william: ah, zeladora, né?
 35 miranda: como::, (.), como o meu santo, que na verdade pro orixá] não
 36 william: [ahn]
- ▶ 37 miranda: tem idade né? com três anos de santo ele, ele exigiu] as minhas
 38 william: [ah, tá]
- ▶ 39 miranda: honras, ai tudo bem, ai meu, meu pai-de-santo, na época,
 ▶ 40 >entendeu?<, (mão) de jogo (.) ((o garçom traz uma garrafa de
 41 água)), obrigada], (mão) de jogo,

- 42 william: [obrigado]
- ▶ 43 miranda: coisa e tal, enfim, eu peguei tudinho, botei dentro do saquinho,
- ▶ 44 pendurei dentro do guarda-roupa e falei “eu não quero saber desse
- ▶ 45 responsabilidade toda, já basta, eu ter que ter responsabilidade
- ▶ 46 comigo mesma], quanto mais com as pessoas, mas as coisas
- 47 william: [ahmham]
- ▶ 48 miranda: foram acontecendo ((pára para beber um gole d’água)), na minha
- ▶ 49 casa era uma coisa muito interessante, que mais batia era problema
- ▶ 50 de saúde, e >olha que ironia do destino<, era mais problema de
- ▶ 51 saúde (.), e::, assim, tipo caminho, né? a pessoa é:: (4), tipo assim
- ▶ 52 você tá querendo fazer as coisas e nada dá certo], então pra abrir
- 53 william: [ah, entendi]
- ▶ 54 miranda: um caminho, pra um trabalho, >uma coisa assim< (2), era, era
- 55 assim, o::, o que trabalhava, eu nunca, não fui::, eu, eu costume
- 56 dizer--, não é sendo prepotente não, mas eu fui a diferença, do
- 57 espiritismo, por isso que eu não estou no espiritismo hoje
- 58 william: ah::, tá
- 59 (...)
- ▶ 60 william: =você jogava búzios?=
 ▶ 61 miranda: jogava búzios, tinha filhos de santo, tinha casa aberta,
- ▶ 62 william: ah, tá, você tinha uma casa mesmo,
- ▶ 63 miranda: eu abri uma casa], eu abri, depois acabei abrindo uma casa mesmo,
- 64 william: [ahmham]
- ▶ 65 miranda: as coisas foram acontecendo de tal forma que eu fui, abri uma casa

O fragmento 17 nos traz um aspecto revelador a respeito da religião: Miranda constrói a sua participação no Candomblé como cheia de sacrifícios e obrigações desde o início. Dessa forma, a religião, não é algo que traz apenas alívio, mas que também pode ser fonte de sofrimento. Já na linha 03 ela fala de seu período de “resguardo” no qual teve que se abster, durante um ano, de vários elementos da vida social. Foi obrigada a comer com a mão, não podia dormir em cama ou ir a lugares públicos. No decorrer de sua participação no Candomblé, as obrigações se acentuam, na linha 37 ela dirá que “com três anos ele (seu pai-de-santo) exigiu as minhas honras”, um tipo de compromisso que implicou mais obrigações, e entre as linhas 60 e 65 ela nos oferece uma dimensão do aumento de suas responsabilidades: “jogava búzios, tinha filhos de santo, tinha casa aberta”. Esse excesso de responsabilidades afetará as decisões futuras de Miranda em busca de uma nova forma de religiosidade.

No período anterior à conversão a uma igreja evangélica, a experiência que Cordélia vivencia não é a de uma nova busca, mas a de ver a sua mãe se converter. Como veremos adiante, essa experiência marcou Cordélia de tal forma que influenciará

o caminho que ela escolhe depois. Na primeira parte do fragmento 18 (linhas 08 a 27) Cordélia traz o cenário de suas relações familiares, descrevendo-as como cheias de conflitos. Essa descrição serve como uma introdução para a narração da transformação de sua mãe através da conversão que ela narra em seguida (a partir da linha 36 até a 42).

Fragmento 18

Cordélia: “comecei a observar e observar e observar”

- 01 cordélia: a minha mãe, pa-- como eu te falei era afastada, né? mas isso pra
 02 mim nunca ((bate as mãos como que demonstrando não dar
 03 importância ao fato mencionado))=
 04 william: =fez a menor diferença
 05 cordélia: fez a menor diferença, pra ela acho que também não, ela não-- (2)
 06 e a minha mãe, era também mui--, é muito complicada
 07 william: hum
 ► 08 cordélia: a minha mãe foi, foi liberta, assim (a gente ainda diz) ela, ela
 ► 09 bebia, ah::ela era alcoólatra assim (>ela era um tipo) de alcoólatra,
 ► 10 que a gente fala que-- uma alcoólatra que precisava de que--< ela
 ► 11 bebia todo o dia, todo dia,] precisava daquilo pra tá, sabe?, ↑feliz],
 ► 12 william: [humhum. [sei
 13 cordélia: não era aquela-- aquele tipo
 ► 14 de pessoa que bebia um copo e já tava--, não era, mas (tomava)
 ► 15 precisava beber, ela bebia assim, uma cervejinha pelo menos todo
 ► 16 o dia tava bebendo e fim de semana a mesma coisa, né? bebendo o
 ► 17 dia inteiro ()
 18 william: sei
 ► 19 cordélia: () e, minha mãe tinha problema pra dormir, tomava lexotan todo
 ► 20 dia, a minha mãe falava muito palavrão, só brigava, a expressão da
 ► 21 minha mãe mudou (), vivia angustiada, nervosa, enfim, e ai
 ► 22 juntava com o meu jeito (então tu não imagina como era lá em
 23 casa)=
 24 william: (uma confusão) só
 ► 25 cordélia: uma bomba atômica, a minha irmã, por sua vez, também não tem
 ► 26 um gênio muito fácil, mas era muito pior quando a gente não tinha
 ► 27 se convertido
 28 william: hum::
 ► 29 cordélia: e::, (.) e ai a minha mãe foi pro espírito santo, o meu tio é pastor
 ► 30 da assembléia de deus do espírito santo, e::, lá ela teve uma
 ► 31 experiência com deus, uma irmã que ela nunca tinha visto (na
 ► 32 vida) foi usada por deus pra falar tudo o que a minha mãe pensava,
 33 que ela não falava pra ninguém (com) ninguém, ↑nem meu tio
 34 sabia, coisas dela, e falou tudo e deus falou com ela e ela conheceu
 35 o amor de deus esse tempo todo e ai foi, passou por aquele
 ► 36 processo todo e se converteu e--, assim-- quando eu vi a minha
 ► 37 mãe=
 38 william: =quando ela voltou:

- ▶ 39 cordélia: não, voltou diferente e ai veio de--, pra nova vida ((nome de uma
▶ 40 igreja evangélica)), começou a freqüentar a nova vida, e foi--,
▶ 41 sabe? não falava mais palavrão (.), a expressão dela mudou, vivia
▶ 42 em paz, não tomava mais remédio pra dormir, não bebia mais, ai
▶ 43 eu comecei a, sabe quando eu-- () com a minha mãe ()
44 lógico não foi--, aquilo foi al-- eu passei alguns meses analisando
45 aquela coisa assim, tipo assim-- e eu tava indo no centro], eu via
46 william: [humhum
47 cordélia: que no centro a família do meu pai tava toda destruída, como tá até
48 hoje
49 humhum
50 william: to-- eles só brigam, só-- ninguém se dá bem até hoje, eu via as
51 pessoas
52 cordélia: lá dentro do próprio centro tinha briga por causa de senha] era uma
53 william: [sei
54 cordélia: (contradição) as pessoas iam lá pra--, né? e tinha briga um falando,
55 acusando o outro, todo mundo carrancudo,] todo mundo mal,
56 william: [hum
57 cordélia: ninguém mudava, falei-- ai comecei--, aquilo “pera ai”, ai comecei
58 a observar e observar e observar
59 william: () não tinha diferença, né?
60 cordélia: é, e minha mãe começou a-- >começou a--<, ela me contava as
61 coisas da igreja quando chegava () aquilo=
62 william: =()
63 cordélia: é::, ai não (obrigava) nunca, né? assim a minha mãe não ()
64 nunca, nunca ela fez isso, quando alguém falava--, olha e-- nunca,
65 ela sempre respeitou e ela só orava:, e, e eu observava. >até que eu
66 achava que eu nem ia tão cedo<, porque-- como eu tava-- minha
67 mãe achou que eu fosse-- () “você vai, vai (se converter)
68 primeiro, <depois da minha”mãe> e ai (enquanto) ela começou
69 a () minha () ai “você quer que eu ore pro seu mestrado?”
70 >eu falei< “ah mãe eu quero sim”, que eu tava
71 na época estudando pro mestrado] “ora por mim lá porque-- prá eu
72 william: [humhum
73 cordélia: passar pro mestrado, deus me dá, né? ((bate palmas, ri e bate
74 palmas)) ai beleza, “então tá bom vou orar, vou levar lá pra orar
75 por você”, beleza

O que Cordélia faz no fragmento 18 é, basicamente, demonstrar como a sua vida era ruim antes da conversão. Essa é uma característica comum no grupo de relatos de conversão que faz parte desta análise e serve, sempre, para contrastar com a construção discursiva de uma vida melhor adquirida depois da conversão. Cordélia faz esse contraste no fragmento 18, principalmente, em relação à vida de sua mãe. Entre as linhas 14 e 27 ela faz uma descrição de como a sua mãe era antes da conversão: “minha mãe tinha problema pra dormir...”, e entre as linhas 39 e 43 ela faz o contraste

demonstrando a mudança: “voltou diferente, (...) não falava mais palavrão (.), a expressão dela mudou, vivia em paz, não tomava mais remédio pra dormir, não bebia mais”. A mudança da mãe de Cordélia é parte importante de seu próprio processo de mudança. A *rede de mudança* em que Cordélia entrara implicou a assimilação paulatina dos discursos da igreja, seja comparando o comportamento de sua mãe com o dos membros do centro espírita (entre as linhas 41 a 61): “eu passei alguns meses analisando aquela coisa assim, tipo assim-- e eu tava indo no centro, (...) eu via as pessoas lá dentro do próprio centro tinha briga por causa de senha era uma (contradição) as pessoas iam lá pra--, né? e tinha briga um falando acusando o outro, todo mundo carrancudo, todo mundo mal”, seja diretamente através das narrativas que sua mãe lhe contava: “é, e minha mãe começou a-- >começou a--<, ela me contava as coisas da igreja quando chegava”.

A conversão e a mudança de atitude da mãe, levam Cordélia a prestar atenção a sua própria religião (linha 57: “comecei a observar e observar e observar”), levando-a a conclusão de que as suas experiências no centro espírita não eram satisfatórias. Essa insatisfação será fundamental no seu próprio processo de conversão, como veremos mais adiante.

Os fragmentos analisados nesta seção mostram como os narradores constroem suas primeiras tentativas na procura por uma afinidade religiosa e, no caso de Cordélia, como ela começa a vislumbrar um novo caminho espiritual influenciada pela conversão de sua mãe a uma igreja evangélica. Vimos que, de uma forma ou de outra, eles colocam as suas experiências com as primeiras escolhas religiosas como tendo sido insatisfatórias.

Na busca por afirmar sua independência de pensamento Puck abjurou o Deus da religião de seus pais e criou um Deus particular que tinha relação com o seu universo de *heavy-metal* e de RPG. Esse Deus, no entanto, não fazia parte de um sistema de coerência ancorado por uma rede social.

Gloster narra seu contato com o kardecismo e se sente bem ao conhecer, segundo suas palavras, esse “novo conceito de espiritualidade” que contrasta com a prática religiosa da família “que tinha que bater tambor”.

Miranda constrói a sua entrada no Candomblé como algo involuntário, mas a sua estória de vida nós permite afirmar que ela já vinha assimilando o sistema de coerência dessa forma de religiosidade há bastante tempo.

Cordélia narra a conversão de sua mãe a uma igreja evangélica. Ela realiza uma descrição pormenorizada da diferença de comportamento de sua mãe antes e após a conversão, ao mesmo tempo em que indica a insatisfação com a sua prática religiosa. Cordélia constrói a experiência de sua mãe como sendo muito importante porque é a principal influência em sua própria trajetória de conversão.

Os fragmentos se caracterizam, principalmente, por evidenciarem o caráter processual da construção de suas identidades sociais. Através de suas narrativas, podemos observar como os entrevistados conferem ordem e progressão, ao processo de transformação de suas identidades sociais religiosas (que envolve experiências que poderiam ser classificadas de caóticas e descontínuas). Sua narrativa mostra que essas discontinuidades e mudanças não são repentinas. Ao analisarmos a construção narrativa de suas histórias de vida, aos poucos, somos levados à percepção de que cada adequação a um novo *sistema de coerência* se insere dentro de uma ampla *rede de mudança* que, pouco a pouco, processa o *fluxo de mudança* que caracterizará a conversão de cada narrador.

5.5

Problemas no caminho e novas percepções de Deus

Nesta seção veremos como a compreensão de que precisavam da ajuda espiritual para lidar com problemas pessoais é um dos principais fatores que levam os entrevistados à conversão. Analisarei aqui como os narradores constroem discursivamente essas dificuldades e como a forma que lidaram com elas os levaram a se aproximarem cada vez mais da conversão a diferentes comunidades de prática evangélicas. Puck, por exemplo, narra que, um pouco antes de se converter, teve que enfrentar um problema de difícil resolução:

Fragmento 19

Puck: “*eu não tenho controle absoluto sobre minha vida*”

- ▶ 01 puck: digamos assim, até que nós tivemos uma experiência, prefiro
- 02 não entrar em detalhes, né? =
- 03 william: =claro =
- 04 puck: =sobre isso
- 05 william: humhum
- 06 puck: nós tivemos uma experiência que deixou

- 07 a gente um pouco preocupado,
 08 william: ah
 09 puck: um pouco assim, apreensivo
 10 william: humhum
 11 puck: e era um:: tipo de experiência que (.), não tinha ao que recorrer
 12 william: humhum
 ► 13 puck: sabe? foi nessa época que (.), eu fiquei um pouco temeroso, eu
 ► 14 falei “caramba eu não tenho controle absoluto sobre minha vida”
 15 william: humhum
 16 puck: né? não adianta que eu não tenho esse controle sobre minha
 17 vida, apesar de::, de tentar o máximo, fazer tudo da forma com
 18 que--, que acontecesse da forma mais correta possível,
 19 william: humhum
 ► 20 puck: nesse é::, nesse episódio eu vi que:: eu não tinha controle total
 21 sobre minha vida
 22 william: humhum
 ► 23 puck: então, eu:: (.) fiquei um pouco apreensivo e (.), foi nessa época
 ► 24 que eu comecei a ir na igreja, ela falou “vamos pra igreja, vamos
 ► 25 tentar, vamos orar,] e, e, pedir a deus pra ajudar a gente nesse
 26 william: [humhum]
 27 puck: problema e, e, seguir o que ele quer, né?”,
 28 eu falei “ah, tudo bem”,
 29 naquela hora de::
 30 william: humhum,
 31 puck: não sabia pra o que recorrer,] “então tá, tudo bem, vamos lá, tá
 32 william: [sei]
 33 puck: certo”, eu fui meio, digamos (.), sem (.) muita esperança, sem
 34 acreditar muito,] mas
 35 william: [humhum]
 36 puck: fui, né? ai vi que:: (.) não aconteceu aquilo que a gente temia
 37 william: humhum
 38 puck: e::, foi (.), e foi uma coisa::, foi um alívio, né?
 39 william: humhum
 40 puck: então, depois daquilo, depois de estar naquele estresse (.), eu, de
 41 certa forma, me senti bem de tá na igreja né?

O problema vivido pelo entrevistado pode ser considerado um dos constituintes da *rede de mudança*, mas não do *fluxo de mudança* em si, já que não é nesse momento que ele vivência sua experiência de conversão. Nesse momento Puck ainda não se torna membro da igreja, aceitando apenas parte de suas idéias; ele chega mesmo a ir contra algumas delas, mas ele acaba por crer em um Deus auxiliador (como ele irá expressar no fragmento 21, linha 2). Quando Puck diz, na linha 13 do fragmento acima (19), “eu fiquei um pouco temeroso, eu falei, “caramba eu não tenho controle absoluto sobre minha vida””, ele aceita a idéia de que o homem não consegue lidar sozinho com a sua existência, precisando ser amparado por uma força externa e fica receptivo à crença em um Deus que poderá lhe auxiliar em suas aflições.

É justificável conceber que, a partir da experiência trazida no fragmento 19, Puck passa a ter uma concepção de Deus diferente do deus guerreiro que concebera, até

então, através de suas experiências com RPG. Essa experiência vivida por Puck vem ao encontro da afirmação de Hinde (1999:97) de que a relativa importância das experiências religiosas na infância e adolescência tende a desaparecer com a maturidade.

A introdução de uma nova concepção de Deus, leva Puck, lentamente, a uma significativa transformação: ele se aproxima da igreja, faz parte de trabalho comunitário e, conseqüentemente, passa a assimilar os discursos daquela comunidade de prática religiosa mesmo sem perceber:

Fragmento 20

Puck: “já estava começando a acreditar em deus”

- ▶ 01 puck: e::, (.) quê que acontece? depois, quando eu, nós tivemos o::,
 ▶ 02 aquele problema, passei a freqüentar--,>ai um dos contatos que
 03 eu tive também por ser professor de inglês,<]
 04 william: [humhum]
 05 puck: uma vez ela me chamou pra traduzir, interpretar, ah::, alguns
 06 americanos alguns americanos] que::, a igreja batista tem uma
 07 william: [claro]
 08 puck: relação muito forte como os estados unidos] e::, todo ano a::, a
 09 william: [(isso)]
 10 puck: minha igreja recebe americanos, né? e aqueles membros
 11 que sabem inglês ajudam a interpretar, eles vão visitando
 12 várias casas, várias pessoas que
 13 pedem visitas e fazem trabalhos sociais também
 14 william: humhum
 15 puck: em favelas como--, trabalhos, não é? de dentista, de médico, de,
 16 de consultas, (não é?) médicas, não é? e vários tipos de coisa (.).
 17 e::, eu lembro que eu ajudei (.) a interpretar pra um pastor--, não
 18 no púlpito, né?
 19 william: humhum
 20 puck: mas pra-- saindo, visitando casas, né? eu ajudei a interpretar, e::,
 ▶ 21 numa dessas ele me perguntou se eu era cristão, >falei que não<.
 22 william: humhum
 ▶ 23 puck: que eu acreditava em deus--, já tinha acontecido o problema
 ▶ 24 então já tinha mudado um pouco a minha visão,
 ▶ 25 já tava começando a acreditar em deus]
 26 william: [humhum]

O excerto acima mostra que Puck constrói a sua mudança, caracterizada por sua conversão, como gradual. Depois de ter resolvido o seu problema, ele começa acreditar em um Deus capaz de atuar no mundo material para ajudá-lo na resolução de seus problemas (linha 23): “já tinha acontecido o problema então já tinha mudado um pouco a minha visão, já tava começando a acreditar em deus”. Sua fala demonstra que o processo estava em andamento, que a *rede de mudança* estava operando de forma gradual. Puck, em sua fala na linha 25, indica que é muito provável que a sua nova

concepção de Deus já estivesse formada. Um dos fatores que faltavam para que houvesse o desenvolvimento do *fluxo de mudança* era ele aliar essa nova percepção de Deus à prática institucional, como bem demonstra o trecho a seguir, no qual ele ainda reluta em se ver integrado dentro daquela comunidade de prática cristã evangélica.

Fragmento 21

Puck: “eu não me dizia cristão, eu dizia acreditar em deus”

- ▶ 01 puck: já::, tinha mudado a minha visão quanto a deus, porque eu
- 02 acreditava que tinha me ajudado naquele problema que eu tinha
- ▶ 03 tido e eu não podia (.), simplesmente, vê-lo daquela forma
- 04 william: hamham
- 05 puck: >mas eu não me dizia cristão<, eu dizia acreditar em deus

No fragmento 21, embora Puck já tivesse mudado de opinião quanto à natureza de Deus, como ele coloca na primeira linha, ele demonstra (na linha 5) que estava em um momento de transição no qual a sua posição anti-religiosa estava em conflito com o sistema de coerência do ambiente evangélico no qual começou a fazer parte: “mas eu não me dizia cristão<, eu dizia acreditar em deus”. Sua fala mostra que ele ainda não se via integrado naquela comunidade cristã. Como já observei anteriormente ao elaborar a noção de *fluxo de mudança*, o processo de produção do sujeito não é algo que ocorra repentinamente. Dessa forma, só aos poucos é que a necessidade de uma aproximação com Deus ou com seu crescimento espiritual ou, ainda, com a necessidade de controle de sua existência, através de uma força externa, aproxima Puck da conversão. No fragmento a seguir, ele fala de outro aspecto importante nesse processo: a influência positiva do ambiente e do comportamento das pessoas na igreja e compara sua experiência ali com a do centro espírita que freqüentou.

Fragmento 22

“não é que nem o gefa”

- ▶ 01 puck: cheguei lá, a primeira pessoa que falou comigo foi um--, uma
- 02 pessoa que se tornou muito meu amigo agora, (que é) um dos
- 03 pastores da igreja,
- 04 william: humhum
- ▶ 05 puck: gosto muito dele e eu gostei muito da forma como
- ▶ 06 ele me recebeu
- ▶ 07 william: humhum
- ▶ 08 puck: ele::, falou aquilo que--, também no gefa, era falado pras
- ▶ 09 pessoas que chegavam, pessoas novas. “oi, seja bem vindo, nós
- ▶ 10 queremos que você esteja aqui, nós nos preocupamos com você,
- ▶ 11 é::, e gostamos de você”, e tudo o mais, né?

- 12 william: hum::
- ▶ 13 puck: isso que é falado na grande maioria dos, dos templos religiosos
- 14 william: ah
- ▶ 15 puck: aquele::, aquelas frases decoradas, né? só que, eu me senti diferente, eu não senti como se aquela frase fosse decorada =
- 16
- 17 william: = ah, que máximo, que bom =
- 18 puck: e, eu senti como se ele tivesse falando aquilo de coração
- 19 william: ahm::
- ▶ 20 puck: (3) com aquela frase, só com aquela frase que ele me falou, eu falei “bom, isso--, esse lugar aqui é diferente”
- ▶ 21
- 22 william: amham
- ▶ 23 puck: não é que nem o gefa, >porque eu ouvia a mesma coisa no gefa<, mas no gefa, eu sentia aquilo =
- 24
- 25 william: = (não) tocava =
- ▶ 26 puck: é, parecia--, podia até botar um disco e fingir que tava falando que, que pra mim era a mesma coisa entendeu? porque::, cê não sentia, não tocava, realmente, lá, eu me senti tocado, e ainda não tinha acontecido este problema, que eu, que eu relatei aqui (por alto), então, eu vi que o lugar era diferente, que as pessoas eram amáveis, que elas não falavam simplesmente por falar, né?
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

No fragmento acima (22), mesmo tendo percepção de que a recepção de novos indivíduos a uma comunidade religiosa é feita através de uma fórmula estabelecida de discurso: “isso que é falado na maioria dos templos religiosos” (linha 13), Puck interpreta a frase com a qual foi recebido na igreja como sendo revestida de um caráter genuíno, já que não soava como “decorada” (ver linha 16). Isso indica que, depois da experiência em que acredita ter sido ajudado por Deus, ele já estava pré-disposto à aceitação do lugar, das pessoas e de seus discursos.

O contraste das experiências de Puck no centro espírita e na igreja nos leva a percepção de que a apreensão de um novo sistema de coerência é mais eficaz quando não possui um aspecto impositivo. Do contrário, correria o risco de perder sua eficácia. Para que leve o sujeito à conversão, a apreensão de um novo sistema de coerência deve ser sutil e aquele que começa a fazer parte de uma nova comunidade deve sempre acreditar estar recebendo algo positivo em troca (cf. Foucault, 1979:07).

Em sua experiência no espiritismo kardecista, Puck, possivelmente, não pôde interpretar as boas vindas das pessoas ali presentes como algo positivo porque lhe soavam como parte de um discurso imposto pela família e ele não tinha passado por qualquer *rede de mudança* (o que implica uma assimilação gradual de discursos) para que entrasse no *fluxo de mudança* que o conduziria à integração ao espiritismo. Ao ser levado para igreja, ele foi acompanhado por sua nova namorada (o que em si mesmo já é uma experiência agradável) e não obrigado por sua mãe, de forma que estava pré-disposto a interpretar com maleabilidade os discursos que lhe fossem dirigidos naquele

ambiente. Não podemos descartar que essa adequação inicial ao ambiente pode estar sendo muito influenciada pela vontade de satisfazer a sua namorada e de ser bem recebido pelo grupo ao qual ela pertence, o que se trata de uma estratégia social comum uma vez que, como coloca Hinde (1999:28), mesmo que algumas pessoas ajam de modo mais consistente do que outras, “todos tendem a moldar seus comportamentos de acordo com quem eles estejam. Se não fosse dessa forma, a vida social seria impossível”.

Outro ponto importante que não deve ser deixado de lado é que, ao descrever positivamente o ambiente e as atitudes das pessoas, Puck está narrando de acordo com sua perspectiva presente, já que ele é um membro daquela igreja no momento de sua produção narrativa.

Assim como Puck, Gloster também tem problemas em seu relacionamento afetivo e a percepção de que não era capaz de lidar com eles, também está presente na reconstrução de sua trajetória religiosa. Quando ele passa pelo problema que o conduzirá à conversão, da mesma forma que Puck, ele já estava freqüentando uma igreja evangélica, mas ainda não se considerava um convertido. No fragmento a seguir, Gloster fala sobre a sua dificuldade de se manter fiel a sua esposa, o que nos possibilita um melhor entendimento dos problemas por ele vivenciados antes de sua conversão:

Fragmento 23

Gloster: “*eu tinha um grande problema*”

- ▶ 1 gloster: >já tava freqüentando um templo<, antes disso é:: eu tive sim... eu,
- ▶ 2 eu tinha uma grande co-- um grande problema que eu tinha (2),
- ▶ 3 depois de casado—me envolvi com muita coisa, principalmente::(.)
- ▶ 4 mulher]
- 5 william: [umhum]
- ▶ 6 gloster: então eu achava—toda vez que eu é >(vamos dizer)< um adultério,
- ▶ 7 alguma coisa-- eu me culpava muito com aquilo] >e, mas (logo lá)
- 8 william: [amham]
- 9 gloster: na frente< voltava a acontecer de novo,
- 10 então eu ficava (ne-), eu falava “poxa isso é hipocrisia] se
- 11 william: [amham]
- 12 gloster: eu tô lendo o quê que é hipocrisia, como é que eu tô pô-- eu to
- 13 praticando isso? (pô de-) se é de- deus não deve-- em- embora eu
- 14 não acre- eu não tinha tanta certeza, mas eu falava “deus não deve]
- 15 william: [gostar disso que
- 16 eu tô fazendo ((riso))]
- 17 gloster: gostar disso de maneira nenhuma, ((rindo)) eu, eu faço, erro, vou
- 18 lá peço perdão,
- 19 william: amham
- ▶ 20 gloster: então eu fa-- eu pensava comigo “tem que existir uma coisa mais

- ▶ 21 forte, eu tenho que parar de alguma forma de praticar, eu sou
 ▶ 22 fraco, eu sou homem,] eu sou carne,
 23 william: [amham]
 ▶ 24 gloster: isso vai me tentar a vida, até quando eu morrer”=
 25 william: = quer dizer-- então que tu também teve essa-- essa motivação de
 26 vencer a si mesmo, né?] suas, as suas::
 27 [tive, sempre tem, eu >diria
 28 gloster: pra você que<-- (2) tem o amor, né? que você quando conhece... o
 29 amor de deus através das palavras dele,] você conhece o amor de
 30 william: [amham]
 31 deus, (...),mas você
 32 gloster: tem aquela coisa no coração de pedir a misericórdia de deus

No fragmento acima, é importante observar que o entrevistado constrói discursivamente a sua necessidade de relacionamento extraconjugal como algo além de suas forças humanas (linha 24: “isso vai me tentar a vida, até quando eu morrer”), naturalizando a idéia do homem como um animal sem possibilidade de controlar seus instintos. Ele legitima o seu desejo inscrevendo-o “em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 1999:33). Gloster imputa a si mesmo (e, por extensão, ao homem em geral) um apetite sexual incontrolável, reforçando a naturalidade de sua condição quando diz “eu sou fraco, eu sou homem, eu sou carne”, além disso, constrói a idéia de que este apetite só pode ser aplacado através de uma intervenção divina (linha 32): “mas você tem aquela coisa no coração de pedir a misericórdia de deus”. Ao enfatizar a incapacidade do humano e a superioridade do divino, Gloster, de acordo com o seu relato, nos mostra que, nesse momento particular de sua trajetória, ele já havia assimilado elementos do *sistema de coerência* evangélico nas igrejas que havia freqüentado e naquela que estava freqüentando e se encontra prestes a vivenciar o *fluxo de mudança*, que atingirá o seu momento mais significativo com a conversão.

Em sua construção discursiva Gloster utiliza dois elementos importantes: o primeiro é o discurso direto que ele utiliza ao construir seus solilóquios no passado, como na linha 10, antes de “eu falava” e na linha 20, antes de “eu pensava comigo”. O discurso direto proporciona mais vivacidade e veracidade ao que está sendo relatado. O outro elemento é o uso recorrente do vocabulário evangélico: na linha 24 “isso vai me tentar a vida”, na linha 28 “quando você conhece... o amor de deus” e na linha 32 “pedir a misericórdia de deus”. O uso desse vocabulário mostra que Gloster está construindo a sua narrativa tendo em vista sua perspectiva presente.

Cordélia também passa por problemas de relacionamento afetivo antes de sua conversão, mas, segundo a sua narrativa, ela foi levada à conversão, principalmente, pela insatisfação com as práticas do centro espírita e devido a tensão religiosa que ela estava vivenciando ali. No fragmento a seguir (24) vemos como ela constrói essa insatisfação:

Fragmento 24

Cordélia: “eu ouvi que não tinha ninguém na minha vida”

- ▶ 01 cordélia: volta--< e era assim que ia, e eu vi cada coisa
- 02 william: ham
- ▶ 03 cordélia: até pra você ter idéia, que na época que eu terminei °com, com um
- ▶ 04 namorado (3), <eu ouvi que não tinha ninguém na minha vida>,>
- 05 william: [hum]
- ▶ 06 cordélia: na vida dele tinha, mas que na minha vida não tinha ninguém, e
- ▶ 07 tinha uma maldição na minha vida sentimental°
- 08 william: sei
- ▶ 09 cordélia: até isso eu ouvi, >daí, que mal me converti, me casei<, conheci,
- 10 william: [humhum]
- 11 cordélia: ((a entrevistada se refere ao seu esposo, ela tem, no momento da
- 12 entrevista, menos de um mês de casada.)) né?, deus me--, então,
- 13 >quer dizer< (), maldição, né?, maldição] >que eu tenho, eu
- 14 william: [hamham]
- ▶ 15 cordélia: sou::< ((a entrevistada bate palmas e sorri)), e até hoje, assim, eu
- ▶ 16 ouvi cada coisa:, tem coisas sobre o meu pai, hi::,] depois que eu
- 17 william: [é, né?]
- ▶ 18 cordélia: ouvi, assim eu falei “meu deus”=

No fragmento 24 aparecem dois elementos importantes. O primeiro nos ajuda a compreender o processo de conversão da narradora: Cordélia fala, principalmente, de sua insatisfação com as respostas oferecidas pela religião na qual participava (veja que logo no início do fragmento, linha 01, ela já avalia de forma negativa o que lhe era dito: “eu ouvi cada coisa”). Ao destacar o caráter negativo das previsões (ver a partir da linha 04: “eu ouvi que não tinha ninguém na minha vida”), a narradora chama atenção para a importância de outros elementos, além do religioso, em sua vida. Assim, a insatisfação com determinados aspectos de sua vida e a ausência de perspectivas positivas no espiritismo são fatores importantes que influenciarão Cordélia em sua escolha pela conversão. O segundo elemento nos ajuda a compreender como a narradora realiza a sua construção discursiva: ao contrastar as previsões do centro espírita com o que se realizou após a sua conversão (a partir da linha 09: “daí que, mal me converti, me

casei”), Cordélia constrói o seu discurso tendo em vista uma perspectiva do presente. Como uma convertida a uma igreja evangélica, a narradora desconstrói o sistema de coerência de sua religião anterior: ela diz que as previsões do centro de Umbanda não tinham nenhuma realidade e constrói positivamente o sistema no qual está inserida no momento da narrativa ao mostrar que, depois de se converter, ela resolveu o seu problema afetivo definitivamente.

Assim como os outros narradores, Miranda enfrentou problemas antes de sua conversão. No fragmento 25 ela fala de sua decepção com a religião anterior e no fragmento 26 ela fala de como a deteriorização de sua saúde abalou a sua família. Esses dois fatores, como veremos mais claramente no próximo capítulo, levam Miranda a buscar uma alternativa de prática espiritual que viesse ao encontro de suas expectativas de recuperação da saúde, bem como de valorização e reconhecimento pessoal:

Fragmento 25

Miranda: “*era muita coisa e eu fui ficando doente*”

- ▶ 1 miranda: então o quê que aconteceu? (.) eu comecei a ficar doente (2),
- ▶ 2 mas--, eu trabalhando (.),
- ▶ 3 tendo um filho pequeno], uma mãe com idade, (2) e mais a
- 4 william: [sei]
- ▶ 5 miranda: responsabilidade de um barracão], com pessoas, né? (), eu
- 6 william: [claro]
- ▶ 7 miranda: comecei a::, a::, ficar, estressada, a ficar cansada, eu trabalhava,
- ▶ 8 né? eu nunca vivi de, de santo], eu nunca vivi de nada disso, eu
- 9 william: [hamham]
- 10 sempre tive minha vida, e
- ▶ 11 miranda: ai aquilo foi acontecendo, e eu, tipo assim, achando, tipo assim,
- ▶ 12 “ah, se eu pegar um final de semana e de repente descansar, isso
- ▶ 13 vai melhorar”, >aquelas coisas] né?< e você vai, e cada vez mais
- 14 william: [sei]
- ▶ 15 miranda: tendo mais responsabilidades, então eu comecei--, ai eu tive um
- ▶ 16 cargo também na casa de meu pai, meu pai de santo, então eu não
- ▶ 17 ti--, eu tinha além da minha roça, na roça do meu pai], (e tinha
- 18 william: [sei]
- ▶ 19 miranda: muitas pessoas) na casa do meu pai, então era muita coisa] (.) e eu
- 20 william: [hamham]
- ▶ 21 miranda: fui ficando, ficando doente, então, sabe que, depois desses anos
- ▶ 22 todos e tudo que eu passei, enfim, que aconteceu e tal (1), eu
- ▶ 23 busquei sempre a (.)
- 24 william: hamham
- ▶ 25 miranda: minha saúde e, na verdade, (3) °eu não tive°

- 26 william: hamham
 27 miranda: entendeu?, eu não tive e::=
 28 william: =tava sempre com problema de saúde
 ► 29 miranda: é, eu não tive, e mais a--, e mais a decepção com as pessoas, né?
 ► 30 tipo::, a hipocrisia, a disputa, a inveja, então, a::, aquilo não, não::,
 ► 31 sabe? não cabe, sabe?, eu falei, “meu deus, isso não cabe dentro de
 ► 32 mim”, sabe?] não é que eu seja melhor do que [ninguém não
 33 william: [hamham] [isso tudo dentro do
 34 candomblé, também dentro do candomblé,
 35 miranda: é dentro do candomblé,
 ► 36 então aquilo foi--, é assim me decepcionando, cada eu vez ficando
 ► 37 mais aborrecida, ficando mais chateada, vendo coisas que eu não
 ► 38 gostava, sabe?, “meu deus as pessoas estão enlouquecidas, estão,
 ► 39 ao invés de se voltar para o lado espiritual, é, estão sabe?, pra,
 ► 40 pra::, pro externo, pra aparecer, sabe como é que é?
 41 william: sei::
 ► 42 miranda: foge completamente da:, daquilo que é a:, a coisa, né? então o lado
 ► 43 espiritual, tanta gente já me decepcionando amigos (do lado), meu
 ► 44 pai-de-santo não me correspondendo à altura], só eu dando,
 45 william: [ah::]
 ► 46 miranda: dando, dando e eu precisando e ele::, alguém tinha que cuidar de
 ► 47 mim, e a pessoa mais indicada pra cuidar seria ele], então tudo
 48 william: [é]
 49 miranda: isso-- (2) e ai começou aquela coisa da disputa, (2) porque
 50 quando:: (3) viu que as coisas, assim (.), à
 51 minha volta tava crescendo muito,] as pessoas começaram, deu prá
 52 william: [ah::, tá]
 53 miranda: entender?] >ai eu falei<, “sabe?, não tô prá disputa], não é isso o
 54 william: [a disputar, né?]
 55 miranda: que eu quero, não tá bom mais prá mim”, e a doença, pra mim foi
 56 assim=
 57 william: =ai você ficou doente de novo=

A narrativa de estória de vida de conversão de Miranda envolve diretamente a sua família e faz parte de seu esforço para se recuperar de uma doença que a atingia fisicamente. No fragmento acima, porém, podemos perceber que a sua narrativa traz uma forte carga de insatisfação com a sua religião anterior. Miranda reclama do alto grau de comprometimento exigido e do excesso de reponsabilidade (linha 03: “tendo um filho pequeno, uma mãe com idade, e mais a responsabilidade de um barracão, com pessoas, né? (), eu comecei a::, a::, ficar, estressada, a ficar cansada”), da falta de apoio de seu superior (pai-de-santo) (linha 43: “meu pai-de-santo não me correspondendo à altura, só eu dando”) e do comportamento das pessoas (linha 29: “e mais a decepção com as pessoas, né? tipo::, a hipocrisia, a disputa, a inveja”). A construção discursiva de tamanha insatisfação com a religião anterior pode estar

relacionada com a perspectiva presente de Miranda. Se considerarmos que, como coloca Järvinen (2004:47) “o passado que escolhemos, conscientemente ou inconscientemente, é um passado que é significativo para nossos empreendimentos presentes”, podemos considerar que, ao enfatizar discursivamente a sua decepção com o Candomblé, Miranda reforça a ligação que possui com a sua opção religiosa atual.

Em sua narrativa Miranda coloca que, embora ela ajudasse muitas pessoas através do Candomblé, suas práticas não traziam nenhuma forma de alívio para seus próprios problemas. Como no fragmento 17, Miranda, nos fragmentos 25 e 26, mais uma vez, demonstra que a prática religiosa também pode ser causadora de sofrimento e não apenas de alegria ou satisfação. A sua narrativa correlaciona o descontentamento religioso com o desenvolvimento de sua doença, com o excesso de trabalho no Candomblé e com a insatisfação com suas práticas e com suas intrigas, como podemos perceber de forma cada vez mais clara na fala trazida no fragmento a seguir:

Fragmento 26

Miranda: “*e fui piorando e piorando, piorando*”

- ▶ 1 miranda: =ai fui, não, eu fui piorando], >eu fiquei mais doente<, eu fui
- 2 william: [ah, tá]
- ▶ 3 miranda: piorando, ai cheguei num estágio assim (1) lamentável, foi
- ▶ 4 horrível, e ai começou a me dá crises, crises todos os dias, uma dor
- ▶ 5 horrível, de cabeça, que começava aqui ((aponta)) no globo ocular
- ▶ 6 e que me doía a
- ▶ 7 cabeça--, surtava], surtava, mesmo (1), ai eu dei uma--, dei uma
- 8 william: [caramba]
- ▶ 9 miranda: obrigação ((oferendas e rituais aos deuses do candomblé)), (2) ai
- ▶ 10 depois de um ano dei outra obrigação e eu não melhorava, e fui
- ▶ 11 piorando e piorando, piorando e as pessoas exigindo de
- ▶ 12 mim, porque tipo assim “ah, você tá se fortificando, porque você tá
- ▶ 13 fazendo obrigação, tá isso, tá aquilo, você está bem]
- 14 william: [obrigação é
- 15 tipo, assim, um trabalho pra que você fique bem], né? de saúde
- ▶ 16 miranda: [isso, isso, isso, né? e
- ▶ 17 eu vendo que eu não, não estava, só que chegou uma hora--, e eu
- ▶ 18 fazendo exame], né, isso me tratando]
- 19 william: [claro] [tratando tudo paralelamente]
- ▶ 20 miranda: [isso, e::,
- ▶ 21 ai quando foi uma hora assim, tipo assim, que eu não agüentava
- ▶ 22 mais, ai me interna--, o--, de tanto dar entrada no pronil ((nome de
- ▶ 23 instituição médica)), um dia eles me internaram, ai fizeram lá uns
- ▶ 24 exames, coisa e tal (), mas (.) acharam melhor eu procurar o
- ▶ 25 neurologista, o (meu) terapeuta--, e eu vim pra casa só que nessa

- ▶ 26 vinda eu piorei, chegou uma hora que >tipo, assim,< eu não tive
▶ 27 mais forças pra me levantar da cama, pra mim tomar um banho],
28 william: [caramba]
▶ 29 miranda: deixei--, deixei de comer (1), então pra mim comer as pessoas
▶ 30 batiam--, minha mãe fazia a sopa, batia no liquidificador bem
▶ 31 fininha e eu tomava, eu perdi o movimento de mastigar, no dia que
▶ 32 eu consegui comer uma fatia, não é um pão não, uma fatia de pão,
▶ 33 era uma dor imensa], porque eu perdi tudo isso ((se refere a
34 william: [caramba]
▶ 35 miranda: capacidade de mastigar)), quando foi--, então aquilo me
▶ 36 maltratou duas vezes, pelo que eu estava sentindo e o olhar da
▶ 37 minha mãe e do meu filho], aquilo ali me machucava, que minha
38 william: [hamham]
▶ 39 miranda: mãe era--, uma super-mãezona, minha família, assim, graças a
▶ 40 deus, sou abençoada], é
41 william: [hamham]
▶ 42 miranda: uma família, >você tá entendendo?< e o meu filho de onze anos,
▶ 43 então o meu filho fechou a história porque um dia ele chegou,
▶ 44 sentou do lado da minha cama, ele olhou pra mim assim com m
▶ 45 olhar, assim ↓triste, olhou dentro dos meus olhos e falou assim, “o
▶ 46 mãe, deixa eu ir pra casa da minha madrinha?”, (2), ai eu falei
▶ 47 assim, “a filho, fica aqui”, “a deixa mãe, deixa eu ir”, falei “o
▶ 48 filho, aqui tem o seu quarto, seus brinquedos, seu computador,
▶ 49 então fica aqui”, >ele falou assim<, “mãe, você não tá entendendo,
▶ 50 eu quero ficar um tempo lá, porque eu não agüento ver você
▶ 51 mais sofrendo] tá me doendo demais”, e as lágrimas do bichinho,
52 william: [hamham]
▶ 53 miranda: assim, descia, aquilo meu deu uma dor tão profunda], tão
54 william: [é muito forte, né?]

No fragmento acima Miranda narra a deteriorização de sua saúde, fala dos problemas que isso causou à família e de como a sua religião foi incapaz de lhe ajudar. A fala de Miranda neste fragmento nos permite fazer uma observação importante a respeito do sistema de coerência religioso segundo a visão da narradora e que, de uma forma ou de outra, se encontra presente também na fala dos outros entrevistados. Em sua narrativa, Miranda indica que, para ela, a religião deve ser capaz de “fazer milagres”, ou atuar na vida material do indivíduo como, por exemplo, trazendo a cura quando necessário. Essa idéia se faz presente quando ela fala das oferendas que fazia em prol de sua saúde (a partir da linha 7: “ai eu dei uma--, dei uma obrigação, ai depois de um ano dei outra obrigação e eu não melhorava, e fui piorando e piorando, piorando e as pessoas exigindo”) e, como veremos mais adiante, quando ela associa o seu processo de cura com a sua conversão.

Outro aspecto importante presente no fragmento 26 é a descrição que Miranda faz da consternação de sua família. Na linha 35 ela fala que o seu sofrimento consistia da dor física de seu corpo tomado pela doença e da dor psicológica de ver sua mãe e seu filho sofrendo. Na linha 43 Miranda dá início a uma narrativa laboviana que evidencia a extensão dessa dor familiar. Sua narrativa envolvendo o sofrimento do filho em vê-la doente enfatiza o negativo estado emocional de sua família naquele momento. Toda essa conjunção de fatores que envolveu a doença de Miranda, incluindo o seu processo de reabilitação, é um aspecto importante da *rede de mudança* que a conduziu à conversão, ou ao seu *fluxo de mudança*, como veremos mais adiante.

Esta seção mostra uma parte da *rede de mudança* que é constituída, principalmente, pela construção discursiva de problemas pelos quais os narradores passaram antes de se converterem. Puck fala que, ao passar por um problema pessoal, começou a ter a noção de que não tinha controle sobre sua vida. Ele busca a ajuda de Deus indo à igreja de sua noiva e por meio de orações. Por fim, ele considera que foi ajudado por Deus, mas ainda não se converte.

Gloster constrói a sua pulsão sexual como algo que só a força divina poderia ajudar a controlar. Suas aventuras amorosas entram em conflito com o sistema de coerência evangélico que ele começava a absorver, lhe causando um forte sentimento de culpa, o que o leva à percepção que ele precisava da ajuda Deus enquanto viver. Na próxima seção trarei um importante episódio narrativo no qual esse problema ganha um proporção tal que levará Gloster à conversão.

Cordélia, como vimos na seção anterior, começou a absorver a influência evangélica a partir da conversão de sua mãe. Nesta seção eu trouxe apenas um fragmento que mostra como as previsões oferecidas no centro de Umbanda que ela freqüentava não lhe davam expectativas de resolver seus problemas afetivos. Na próxima seção veremos como esse é um dos fatores que levará Cordélia a se alinhar ao sistema de coerência evangélico.

Miranda constrói a evolução de sua doença ligada à insatisfação com as práticas do Candomblé; ela fala de sua dor física e do sofrimento de sua família. Miranda ressalta ainda a incapacidade do Candomblé de resolver seus problemas de saúde o que a levará, como veremos adiante, a se alinhar a um novo sistema de coerência religioso.

Neste segmento, os fragmentos são caracterizados pelo uso constante da perspectiva do presente, do discurso relatado e da utilização de narrativas episódicas. Todos, com exceção de Gloster, narram pequenas histórias que, entre outros efeitos, aproximam o ouvinte da perspectiva que os narradores tinham de sua existência antes da conversão e dos problemas pelos quais estavam atravessando naquele momento.

Todos os problemas descritos pelos narradores nesta seção desempenharão um papel importante no desenvolvimento do *fluxo de mudança* que caracterizou a conversão de cada um deles, e um dos fatores que impulsionam essa mudança é a absorção da idéia de que eles precisavam de uma força externa, de natureza religiosa (ou divina) para lidar com seu problemas. Na próxima seção tratarei mais um elemento da *rede de mudança*: a construção de acontecimentos que antecedem o *fluxo de mudança*.

5.6

A um passo da conversão

Nesta seção trago fragmentos que mostram a construção discursiva da situação dos entrevistados um pouco antes da conversão. Poderemos vislumbrar, assim, a sua visão dos fatores que mais imediatamente antecederam o *fluxo de mudança*.

Não obstante sua visão positiva de Deus, depois de haver superado o seu problema, trazido no fragmento 19, Puck ainda reluta aceitar totalmente os discursos da comunidade de prática da igreja (ver fragmento 21: “eu não me dizia cristão”). Ele age nesse momento dentro de um complexo jogo de forças que o impeliam, ora para o novo conjunto de discursos, ora para o antigo no qual prevalecia a sua experiência de liberdade no heavy-metal, como fica evidente a seguir:

Fragmento 27

Puck: “eu sou o machão, eu sou o metalzão”

- 01 william: ai, você se sentiu à vontade ali.
- 02 puck: ah::, como?
- ▶ 03 william: se você se sentiu ↑à vontade =
- 04 puck: (foi), exatamente, eu me senti à vontade, no, no, na igreja
- 05 batista, né? =
- ▶ 06 william: = ai começou a frequentar
- ▶ 07 puck: e::, não, de primeira, não, no, nesse, nesse batizado dela eu
- 08 inclusive, eu inclusive eu quis dá uma de, ah::, de, aquele que
- 09 comanda a minha própria vida, né?
- 10 william: hum

- 11 puck: e quando o pastor mandou, mandou não, falou com que as
 12 pessoas baixassem suas cabeças pra orar
 13 william: humhum
 ► 14 puck: eu levantei a minha pra afrontar, né?
 15 william: ((rindo))
 ► 16 puck: “eu (), eu sou o machão, eu sou o metalzão, né?”
 17 william: humhum
 18 puck: dei aquela atitude típica de metaleiro, né?

No fragmento acima (27), Puck constrói o momento em que estava vivenciando antes da conversão como estando dentro de um jogo de forças: se de um lado ele descobrira um Deus auxiliador (como vimos na análise dos fragmentos 19 e 20) e começava a se sentir à vontade no ambiente da igreja (tal como mostra o fragmento 22), por outro lado, ele ainda estava ligado às experiências de conquista da independência na passagem de sua adolescência para a vida adulta, como expresso na linha 8 do fragmento acima: “eu inclusive eu quis dá uma de, ah::, de, aquele que comanda a minha própria vida, né?”, e sob forte influência de uma visão de mundo marcada pelo discurso de rebeldia ou afrontamento heavy-metal (a partir da linha 14): “eu levantei a minha pra afrontar, né? “eu, eu sou o machão, eu sou o metalzão, né?”, dei aquela atitude típica de metaleiro, né?”. Esse jogo de forças reflete a tensão envolvida na apreensão de um novo sistema de coerência: embora comece a frequentar a igreja, Puck ainda tem dificuldade de aceitar elementos fundamentais como a prática da oração coletiva conclamada pelo pastor (ver a partir da linha 11).

Em relação à construção de seu discurso, mais uma vez podemos observar que Puck tem por base a perspectiva de seu presente. Na fala do fragmento acima ele traça uma avaliação negativa de seu comportamento passado. Para fazer isso ele contrasta atitudes passadas e presentes, desvalorizando aquelas em detrimento destas.

Ao lidar com um novo problema Puck irá se integrar ao discurso da igreja de forma mais efetiva, se aliando cada vez mais ao seu sistema de coerência e deixando de lado os antigos valores, como indica o fragmento a seguir (28).

Fragmento 28

Puck: *“como é que eu posso fazer com que esse sentimento de culpa se apague?”*

- 01 puck: eu não (.), não vi a necessidade (.) de estar ali na igreja], eu não
 02 william: [hamham]
 ► 03 puck: vi essa necessidade, e achava
 04 que deus estava ali comigo, eu estava com ele, bastava isso
 ► 05 william: como é que cê foi sentindo essa necessidade?

- ▶ 06 puck: ai, isso veio aos poucos,] veio aos poucos, eu fui vendo que::,
▶ 07 william: [humhum]
▶ 08 puck: °<ah::, é: uma coisa talvez
▶ 09 que eu nunca contei pra ela, eu só contei isso
▶ 10 uma vez pro meu pastor>, ela viajou uma vez, que ela:: ia
11 começar trabalhar numa loja aqui no, no rio de janeiro] só que::,
12 (...)
13 ela tava cansada, não tinha como ficar me dando aquela atenção toda que eu
14 queria, e a gente começou a discutir muito, discutir muito, ficar chateado, e
▶ 15 tudo mais, e nesse mesmo tempo (2), eu (.), me interessei por uma menina
16 da faculdade,
17 william: ahm,
18 puck: era uma menina inclusive que lembrava ela,
19 william: humhum,
20 puck: uma menina que também era cristã,
21 william: humhum,
22 puck: ah::, nunca aconteceu nada, nunca (.)
23 disse nada pra ela] nem pra
24 william: [humhum]
25 puck: ninguém, tô, eu só contei isso pro meu pastor e tô contando aqui
26 agora
27 william: humhum
28 puck: mas::, o quê que acontece? eu::, fiquei interessado por essa
29 menina, que de certa forma me lembrava ela tanto no físico
30 quanto no jeito de falar e tudo, né? e::, fiquei um pouquinho
31 interessado por ela e::
▶ 32 >eu me senti muito, muito mal por isso<],
33 william: [ah]
▶ 34 puck: me senti culpado por tá--, fazendo aquilo,
35 por ela tá longe, eu ter me interessado por uma garota
36 simplesmente porque ela não podia me dar aquela atenção] que
37 william: [sei]
38 puck: ela normalmente me dava,
▶ 39 e eu me senti muito mal por isso, muito, muito mal
40 mesmo, né? e::,
▶ 41 depois disso eu falei “>caramba como é que eu
▶ 42 posso mudar isso dentro de mim<, como é que eu posso (.), é::,
▶ 43 fazer com que (.), esse sentimento de culpa se apague? (né?)”

O fragmento acima se inicia com o entrevistador perguntando diretamente sobre o momento da conversão de Puck (linha 5); no entanto, ele não pode ser direto, uma vez que sua conversão se liga a outros fatores ainda não explorados por sua narrativa. Nesse segmento, mais uma vez (como vimos no fragmento 19), circunstâncias aparentemente externas à co-construção da identidade religiosa (ou ao tópico da mudança), estavam formando a *rede de mudança*, trabalhando para que o *fluxo de mudança* acontecesse; nele Puck relata um novo problema: a culpa, que ele não conseguia superar, de ter desejado outra mulher (ver, a partir da linha 39: “eu me senti muito mal por isso”).

Aqui o papel da narrativa laboviana é fundamental porque ela organiza e dá sentido à conversão correlacionando-a com outras facetas de sua estória de vida. É através do discurso narrativo que Puck pode reorientar-se, reinterpretando sua

experiência de vida, e construir sua identidade de convertido a uma igreja evangélica. Ao estabelecer atribuições aos personagens da trama, o narrador traz muito da imagem que tem de si mesmo (cf. Hinde, 1999:31), como a de ser exigente (linhas 13-4), a de ser capaz de ver seus erros (linha 34) e de ser uma pessoa com vontade de mudar para melhor (linha 41).

No segmento trazido acima (que se liga à narrativa de sua conversão propriamente), Puck traz informações importantes para entendermos o seu *fluxo de mudança*; através de sua estória, descobrimos a existência de outros motivadores para sua conversão, entre os quais a culpa e, como veremos adiante, o sentimento de fracasso que ele irá explicitar na conversa com o pastor quando decide pela conversão como mostrará o fragmento 34 no próximo capítulo. Assim, a partir da narrativa laboviana contida no fragmento acima (linha 08), Puck construirá a estória de sua conversão, principalmente, como sendo a estória da superação de seu sentimento de fracasso ou impotência em lidar com alguns problemas de sua vida e à necessidade de ter sempre a certeza do apoio e do conforto de seu Deus, o que culminará em um ato público, como veremos no capítulo seguinte, no qual, implicitamente, ele atesta que, sendo incapaz de resolver os seus problemas por si só, entrega sua vida a uma prática religiosa na qual o Deus no qual ele acredita estará sempre presente para ajudá-lo, ao mesmo tempo em que confirma (sempre publicamente) uma escolha que já vinha se processando há algum tempo, mesmo que ele não tivesse consciência disso.

Gloster, após falar de seu problema (fragmento 23) e de fazer uma breve digressão, dá início a uma narrativa na qual ele conta como, ao perceber que agia de forma contrária ao que era ensinado na igreja, sente a necessidade de pedir a ajuda de Deus. O tema da narrativa pode ser definido como um conflito entre amantes e namorado traído; no entanto, como veremos, a maneira como é construída aponta para a percepção de que Gloster estava em conflito com as expectativas, presentes na sociedade, de como os homens são e de como devem agir e com as noções que ele vinha assimilando dentro da *comunidade de prática* da igreja evangélica:

Fragmento 29

Gloster: “*fiquei de joelhos e comecei a chorar*”

- ▶ 1 gloster: me lembro que uma vez... é::, depois de uma grande burrada, e um
- ▶ 2 grande livramento também, né?]—que

- 3 william: [umhum]
- 4 gloster: uma dessas garotas, era noiva](2), °de um: policial]
- 5 william: [a::] ↑[caramba!]
- 6 gloster: que, por acaso:, entrou na hora que a gente tava, ela tava com a,--
- 7 coa perna em cima da minha perna num:::, num restaurante, no
- 8 bar], ele entra, de repente. “a::,
- 9 william: ↑[caramba!]
- 10 gloster: vocês tão aí e tal”, aquela coisa desagradável mesmo, né?” e o cara
- 11 william: [ah:::]
- 12 falou assim “a::: quero falar como você”,
- 13 gloster: falou pra ela, né?” aí ela::>falou assim< “mas você veio
- 14 william: [u::ah:::]
- 15 gloster: aqui, eu não falei pra você que ia (que era) pra gente se encontrar
- 16 mais tarde, não sei o quê”, (falou assim) “não mas eu vim aqui pra
- 17 falar com você”, >aí eu falei “eu: vou: vou deixá vocês a sós”,
- 18 “não você pode ficar”]
- 19 william: [i::, ↑caramba!]
- 20 gloster: ((rindo)) ele mandou eu ficar ((rindo)), e:: eu tive que passar a
- 21 aquele constrangimento e encarei numa boa e falei:: “é cê quer falá
- 22 comigo o quê”↓, ele perguntou >(eu falei assim)<, não, na verdade
- 23 a gente num-- ainda não saiu, mas realmente ía acontecer],
- 24 william: [umhum]
- 25 gloster: mais cedo ou
- 26 mais tarde], porque:: é::, ela sempre se mostrou
- 27 william: [umhum]
- 28 gloster: livre::]... e eu sou homem.”] eu falei abertamente com
- 29 william: [amham] [amham]
- 30 gloster: ele, né? e ele ficou meio assim::-- ele no final chorou ... que ele
- 31 amava a garota], aquilo me constrangeu
- 32 william: [amham]
- 33 gloster: mais ainda, me senti um canalha, né? eu falei “como é que eu
- 34 posso fazer uma coisa dessa?:, né?” e::, além de-- achando ela
- 35 também: sem vergonha, mas não podia me, me, me tolhir de] me
- 36 william: [(claro)]
- 37 gloster: achar também pô, porque eu tava totalmente errado, e eu me
- 38 lembro que nesse dia eu cheguei em casa:: e::: chorei muito, né?
- 39 fiquei de joelhos, no, no::-- tava sozinho, peguei a bíblia, (eu) abrí
- 40 a bíblia, e comecei a chorar e pedi pra deus e eu senti, um toque de
- 41 deus, vamos dizer, que eu possa dizer assim
- 42 william: amham

A narrativa acima pode ser entendida como a necessidade do narrador de marcar sua identidade social masculina já que, como observa Badinter (1993:141), “é por seu sexo e pela atividade sexual que o homem melhor toma consciência de sua identidade e virilidade”. Ao narrar a sua versão dos fatos, embora reconheça a sua parcela de culpa (linha 33: “me senti um canalha, né?”), ele não consegue deixar de acusar a mulher de

ser tanto ou mais leviana do que ele (linha 34: “além de-- achando ela também: sem vergonha”), dando margem à construção de um discurso misógino que constrói a mulher como um ser inferior levada à categoria de objeto. O que é percebido também quando o narrador se refere à sua amante (“que uma dessas garotas”), posicionando-a como sendo mais uma entre tantas outras mulheres que ele utilizava e descartava.

No entanto, o que é mais importante para a análise é que esta tensão, proporcionada pelo seu desejo que o leva ao adultério, entra em choque com o sistema de coerência religioso que vinha absorvendo, tornando-se um dos principais fatores que levará Gloster à conversão. Talvez, o que a narrativa contida no fragmento 30 traga de mais revelador seja o fato de que nossas identidades sociais sejam entrecruzadas por vários fatores. Assim, na narrativa de Gloster, o aspecto religioso é entrecruzado pelas relações de gênero. Esse entrecruzamento de experiências também é um aspecto presente na *rede de mudança* e é ilustrativo da percepção de que fatores, aparentemente não relacionados com o tópico de uma dada mudança, podem afetar as escolhas do indivíduo e levá-lo ao *fluxo de mudança*. Na narrativa de Gloster, a sua dificuldade em controlar o seu impulso em ter relações extra-conjugais é um aspecto da *rede de mudança* que, aparentemente, não se relaciona com o tópico de mudança que é a conversão religiosa, mas a sua dificuldade é um fator importante que conduz a sua escolha pela conversão.

Da mesma forma que Puck e Gloster, Cordélia constrói a narrativa de sua conversão como estando em meio a problemas que lhe pareciam impossíveis de serem solucionados sem intervenção divina, como vimos nos fragmentos 12 e 25, nos quais ela fala de sua dificuldade de se realizar afetivamente, de se relacionar com a família e de se ajustar a um comportamento que fosse mais adequado (sem desperdiçar a vida em boites e com bebidas). No fragmento 18 Cordélia narra a conversão de sua mãe como um marco importante em sua própria conversão e constituiu um dos mais importantes aspectos da *rede de mudança* que fez parte de sua nova construção identitária. No fragmento a seguir Cordélia fala de outro importante momento de sua *rede de mudança*: a sua primeira visita à igreja:

Fragmento 30

Cordélia: “eu fui muito bem recebida” / “eu só chorava”

01 cordélia beleza, ai um dia, em setembro, isso foi no início do ano, não é?

- 02 william: em que ano?
- 03 cordélia: dois mil e dois.
- 04 william: dois mil e dois.
- ▶ 05 cordélia: e ai em setembro, ((estala a língua nos dentes)) “mãe eu vou lá
- ▶ 06 com você], (eu vou lá com você)”, “ah, vamos lá, vamos lá”, fui.
- 07 william: [humhum
- ▶ 08 cordélia: ↑olha aquilo-- ai o lugar () >me senti meio estranha no início] <,
- 09 william: [humhum
- ▶ 10 cordélia: mas as pessoas=
- 11 william: =primeira vez:, né?
- ▶ 12 cordélia: é::, você fica só observando, todo mundo lá batendo palma feliz da
- ▶ 13 vida e eu--, ai eu só chorava, não sei o quê que era, só chorava, só
- ▶ 14 chorava=
- 15 william: =quem que chorava?
- ▶ 16 cordélia: eu
- 17 william: ah, você começou a chorar?
- ▶ 18 cordélia: chorava assim, chorava, chorava.
- 19 william: como é que foi? você entrou::
- ▶ 20 cordélia: eu entrei, fui muito bem recebida::
- 21 william: ai foi bem recebida e quando-- quando é que você começou a
- 22 chorar?
- ▶ 23 cordélia: na hora do louvor], na hora do louvor.
- 24 william: [hum] eles estavam cantando é
- 25 isso?
- 26 cordélia: é, é:, o louvor do () que eu gosto muito, que marcou assim eu
- 27 sempre canto
- 28 william: o louvor que você chama é uma música?
- 29 cordélia: é uma música,] e:: eles lá-- foi a primeira música assim que eu
- 30 william: [ah
- 31 cordélia: ouvi, eu achei lindo
- 32 william: aquela música tocou você.
- ▶ 33 cordélia: tocou muito, até tenho o cd, tenho o-- a] letra, assim, essa música
- 34 william: [humhum
- ▶ 35 cordélia: pra mim, até marcou, até falo “essa música foi o dia () da
- ▶ 36 primeira vez que eu entrei na igreja”] sempre lembro por que foi
- 37 william: [humhum
- ▶ 38 cordélia: uma música que--, ai eu--, comecei a chorar, e chorava-- >até com
- ▶ 39 vergonha da minha mãe não sabia (se ia ter alguma coisa) aquela
- ▶ 40 vergonha de ver a gente chorando< e chorava e chorava e não
- ▶ 41 entendia porque daquilo, né?
- 42 william: foi mais forte do que a pessoa,] você não controlava=
- 43 cordélia: [foi] =não
- ▶ 44 controlava, >e comecei a chorar, chorar, chorar--<, e eu li a
- ▶ 45 palavra ((“palavra”, aqui se refere à bíblia)) e tudo, ai beleza eu sai
- ▶ 46 da igreja-- mas saí e tive--, ai com umas dúvidas né? ai pensei
- ▶ 47 “tudo bem” qua]ndo você tá--, assim no início sempre lança
- 48 william: [ham::
- ▶ 49 cordélia: dúvida mesmo, sempre lança questionamentos e ai
- ▶ 50 eu fiquei naquele, na--, naquela época assim] observando

- 51 william: [quem lança? (essas
 ► 52 dúvidas)
 53 cordélia: aquele que uh-- o inimigo ((o inimigo aqui se refere ao que a
 54 entrevistada considera como a personificação do mal)), né?

Acima Cordélia fala da primeira vez que esteve na igreja na qual se converteu. A sua narrativa mostra que a sua percepção positiva do espaço da igreja e a sua recepção por parte de seus membros são particularmente relevantes no seu processo de conversão. O cenário da igreja é muito importante nesse primeiro momento e pode ser desdobrado em: espaço físico (linha 8: “↑olha aquilo-- ai o lugar”), no comportamento das pessoas (linha 20: “eu entrei, fui muito bem recebida”) e na música que lhe suscita emoções (ver entre as linhas 33-38: “pra mim até marcou, até falo, “essa música foi o dia () da primeira vez que eu entrei na igreja” sempre lembro por que foi uma música que--, ai eu--, comecei a chorar”). Esses aspectos criam o contexto ideal para que Cordélia possa expressar, através do choro, as suas angústias, que embora nesse momento não pareçam muito claras, podem ser interpretadas como sendo de natureza religiosa, já que durante a sua narrativa ela já apontou indícios de insatisfação com o centro espírita que freqüentava.

Outro aspecto relevante na experiência de Cordélia é que, como vimos no fragmento 18, ao ir a igreja ela já estava bastante influenciada pela mudança da mãe, o que a predispos a aceitar e a se expressar emotivamente naquele ambiente. Sua mãe terá um papel relevante no processo de apreensão do sistema de coerência da igreja. É com ela que Cordélia irá dirimir suas dúvidas a respeito de questões espirituais como veremos no fragmento 31.

A perspectiva do presente pode ser percebida no uso assertivo (a partir da linha 47) de uma idéia muito presente no sistema de coerência evangélico que é aquela da batalha espiritual entre o bem e o mal (cf. Mafra, 2002). Para Cordélia, suas dúvidas eram resultado de um influência externa, linha 53: “o inimigo”. Ao narrar sua estória, Cordélia já possui esta idéia bem assimilada e essa assimilação, que faz parte de seu momento atual como convertida, se reflete quando ela retoma experiências do passado.

A boa acolhida de visitantes é um fator sempre presente nas narrativas de conversão estudadas aqui. Cordélia, assim como Puck, Gloster e Miranda, são bem recebidos quando comparecem à igreja pela primeira vez. Cordélia descreve o espaço da igreja como um lugar diferente no qual as pessoas cantavam, “batendo palma feliz da vida” (fragmento 30, linhas 12-3). Outra característica presente nas quatro narrativas

são os momentos de emoção expressos pelo choro, de forma que traçarei considerações mais pormenorizadas sobre esse fenômeno adiante, ao analisar a narrativa de conversão de Miranda.

No próximo fragmento veremos como Cordélia narra suas dúvidas e tensões no confronto de dois sistemas de coerência, o do centro de Umbanda e aquele da igreja evangélica. Essa dúvida de Cordélia é expressa inclusive na forma em que ela dividia o seu tempo participando de ambos os contextos religiosos:

Fragmento 31

Cordélia com dúvidas: “*sexta-feira eu ia no centro ai quarta-feira eu ia na igreja*”

- ▶ 01 william: ah, sim, você:, você:, você começou a ter dúvidas] com você
- ▶ 02 cordélia: [é, pô tinha
- ▶ 03 william: mesma, né? tá
- ▶ 04 cordélia: dúvidas e ai, eu só-- a minha mãe conversava, aquela coisa mas--
- ▶ 05 eu fiquei indo de setembro a novembro, °ou de setembro a outubro
- ▶ 06 () não de setembro a novembro° ↑é eu fiquei indo um mês, foi
- ▶ 07 isso mesmo, foi em setembro e ↓outubro (5) °agora eu não me
- 08 lembro bem, (perai deixa eu ver)° no final de outubro, foi isso
- 09 mesmo, fui uma vez em setembro, (fui no início) de setembro,
- 10 parei de ir] ↑e ia ao centro, porque que eu parei
- 11 william: [humhum
- ▶ 12 cordélia: de ir? porque eu tinha (orado) e ai aquela-- aquele meu namorado
- ▶ 13 era ateu] entendeu então (era proibido) eu ir à igreja, e::, eu fui, ai,
- 14 william: [humhum
- ▶ 15 cordélia: esporadicamente, eu fiquei indo regularmente não], esse período
- 16 william: [sei
- ▶ 17 cordélia: de assim, um mês eu fiquei indo=
- ▶ 18 william: =às vezes você ia no ↑centro, às vezes à ↑igreja=
- ▶ 19 cordélia: =isso, sexta-feira eu ia no centro ai quarta-feira eu ia na igreja, né?
- ▶ 20 no culto, e assim, minha mãe só orando, minha mãe respeitou e eu
- ▶ 21 ↓perguntando, (enchia) minha mãe e a minha mãe só ali, na
- ▶ 22 bíblia=
- ▶ 23 william: =perguntando o quê?=
 ▶ 24 cordélia: =↑perguntava,] assim, por exemplo, ah::, é:: >ah meu deus tantas
- ▶ 25 william: [perguntava coisas
- ▶ 26 cordélia: perguntas que eu fazia< (.) é::, (.) que até eu te--, eu tive uma
- ▶ 27 experiência muito interessante >por exemplo<, “se deus é tão
- ▶ 28 misericordioso assim, porque que eu só tenho uma chance? porque
- ▶ 29 que a gente não tem várias vidas?”
- 30 william: ah:, sim
- 31 cordélia: ai a minha mãe buscou na palavra, “só temos um corpo, um só
- 32 corpo, um só espírito”
- 33 william: hum::

- 34 cordélia: não existe outras vidas (a única chance) é que deus dá todas as
 35 chances pra você, o livre arbítrio (), pra que você cresça, sim e
 36 é uma chance só=
 ► 37 william: =então nesse momento você tava ah, confrontando as idéias] que
 ► 38 cordélia: [() exatamente
 ► 39 william: você trazia do espiritismo com o=
 ► 40 cordélia: =com o que eu via na, na bíblia=
 ► 41 william: =e na, a: igreja, no caso=
 ► 42 cordélia: então confrontei=
 ► 43 william: =e a tua mãe te a-- tava te ajudando, então a::=
 ► 44 cordélia: =no entendimento=
 ► 45 william: =ah entendi=
 46 cordélia: =mas ↑só que eu num, eu não falava nada “tá bom, tá bom” ficava
 47 assim,né?] “tá bom mãe, tá bom” ou eu “tudo bem a igreja é legal,
 48 william: [humhum
 ► 49 cordélia: mas eu quero-- eu ainda não estou convencida”, eu ficava assim,

O fragmento acima, além de trazer a dúvida de Cordélia no confronto de dois sistemas de coerência, também é importante porque nele podemos perceber como, ao construir a sua narrativa, ela põe em evidência o caráter processual da conversão. Em sua construção narrativa Cordélia é levada à igreja aos poucos através de um lento processo de apreensão do discurso da igreja no qual sua mãe lhe respondia às suas questões com a ajuda da Bíblia (linhas 20-22): “e eu ↓perguntando, (enchia) minha mãe e a minha mãe só ali, na bíblia”. A dúvida e o confronto de valores entre o novo e o antigo sistema de coerência é algo também característico do processo de conversão. Esse confronto de idéias é um elemento importante da *rede de mudança* e propicia uma apreensão mais sólida dos novos conceitos a serem assumidos pelo convertido, ao mesmo tempo em que acentua o seu afastamento dos antigos conceitos.

No fragmento 32 veremos que Cordélia dá um importante passo para o seu processo de conversão:

Fragmento 32

Cordélia se decidindo I: “*depois daquele dia eu nunca mais voltei, nunca mais voltei no centro*”

- 01 <e ai, um dia eu:., eu fui ao centro> (.), e lá o-- a entidade] falou
 02 william: [hum
 03 cordélia: pra eu voltar na semana seguinte que eu iria me desenvolver, mas
 04 pra isso eu teria que falar com a entidade chefe
 05 william: hum
 ► 06 cordélia: bom, tudo bem, só que ai eu me senti, me senti meio esquisita

- ▶ 07 porque eu já tava meio assim >“porque bom, tudo bem”< eu não
▶ 08 orava assim como eu oro hoje, né? mas eu cheguei, “meu deus, eu
09 não sei se o senhor acha que tá na hora (.) o senhor deve (ter
10 algum), mas se o senhor acha que tá--, se o senhor não quer que eu
11 me desenvolva então faça com que o chefe não esteja e com que
12 ele--, essa entidade com que eu falei também não esteja, que essas
13 duas pessoas não estejam no centro e que eu não (fale) se o senhor
14 não quer” ai ok, passou, voltei lá na semana seguinte não estavam
15 nenhum dos dois=
16 william: =sei=
17 cordélia: =depois daquele dia eu nunca mais voltei
18 william: amham
▶ 19 cordélia: nunca mais voltei no centro, que eu já tava meio assim né?, já
▶ 20 tavam contando muita besteira, tanta mentira que eu não quis
▶ 21 voltar, eu vi que na era-- é:, ai beleza, mas também não tinha me
22 convertido, né?

Embora não tivesse se ligado à igreja, Cordélia mostra no fragmento 32 que ela já havia apreendido pontos importantes de seu sistema de coerência, o que pode ser exemplificado com a súplica que ela faz a Deus a partir da linha 08. Suas dúvidas se relacionam à insatisfação com a Umbanda (ver linha 20: “tavam contando muita besteira, tanta mentira que eu não quis voltar”) e ela resolve abandonar o centro (linha 17: “depois daquele dia eu nunca mais voltei, nunca mais voltei no centro”). Não devemos nos esquecer, também, que ela narra esta súplica como uma já convertida, ou seja, tendo em vista a sua perspectiva do presente. O importante aqui, no entanto, é que essa tomada de posição a deixa livre para se ligar cada vez mais ao sistema de coerência da igreja e realizar a sua conversão, como veremos no próximo capítulo. Vejamos agora como Miranda descreve seus momentos anteriores à conversão.

Um ponto muito importante na análise da narrativa de Miranda é a compreensão de que no *ethos* evangélico o corpo possui uma contraparte espiritual invisível (alma ou espírito). Dentro desse sistema de coerência, a redenção espiritual (ou da alma) tem efeito sobre o corpo (cf. Mafra 2002:171), relacionando intimamente a cura espiritual e a cura material. O convertido pode expressar essa relação não apenas através da proclamação da cura do corpo físico mas, também, como coloca Mafra (2002:171), no terreno moral, seja através de histórias de superação de comportamentos considerados fora da “norma” (homossexualismo, uso de drogas, prostituição, etc.), seja naquelas que apresentam um histórico de conversão para a religião “verdadeira” depois de terem se dedicado a religiões “falsas”.

Nos fragmentos 25 e 26 tivemos a construção narrativa da evolução da doença de Miranda. Naqueles fragmentos encontramos exemplos de como, através da narrativa, a entrevistada constrói conexões entre suas responsabilidades no Candomblé e o desenvolvimento de sua doença. Miranda narra a sua estória dentro de um contexto específico no qual ela deseja transmitir que a sua vida melhorou após a conversão. Através da descrição do aumento progressivo de seu sofrimento, bem como o de seus familiares, ela leva o ouvinte à percepção de que a sua atividade no Candomblé lhe conduzira, pouco a pouco, àquele estado de dor e doença sem oferecer nenhuma perspectiva de alívio.

No fragmento seguinte Miranda, ainda descrevendo a sua dor e a de sua família, narra como ela, em um momento em que estava sozinha, suplicou a Deus para que a ajudasse:

Fragmento 33

Miranda: “*me tire de todos os laços que eu não agüento mais*”

- ▶ 01 miranda: minha mãe, bancando assim, () forte o tempo
- ▶ 02 inteiro, né?, eu não podia ficar , assim, ficar um minuto só, porque
- ▶ 03 quando me dava uma reação, soltava o meu intestino, soltava o
- ▶ 04 meu (), você não tem idéia,
- 05 william: ah, sei
- 06 miranda: então eu tinha que estar sempre com alguém, porque a hora que eu
- 07 sentia, eu tinha que ser levada ao banheiro rapidamente
- 08 william: ham::
- 09 miranda: eu fiquei, assim nessas condições
- 10 william: ai foi ai que::=
- ▶ 11 miranda: =ai quando eu vi esse meu filho, que ele saiu do quarto, eu não
- ▶ 12 agüentava levantar o braço, ↑eu acho eu nunca mais vou esquecer
- ▶ 13 do que eu falei naquele momento], eu me lembro que eu estava
- 14 william: [amham]
- ▶ 15 miranda: deitada, a minha mão estava assim ((mostra a mão semifechada)),
- ▶ 16 eu fiz assim ((mostra movimento de tentar abrir a mão)), e eu falei,
- ▶ 17 “olha senhor, eu sempre acreditei que tu és puro--, puro amor],
- 18 william: [amham]
- ▶ 19 miranda: sempre acreditei, então se tu é puro amor, eu vou pedir um pouco
- ▶ 20 do teu amor, que você me tire de
- ▶ 21 todos os laços, que eu já não agüento mais”, essa hora eu me rendi,
- ▶ 22 quando eu pedi a deus que me tirasse todos os laços, eu disse--, eu
- ▶ 23 quis dizer no sentido de--, dos laços da enfermidade, ou então tipo
- ▶ 24 assim, é pra eu ir? me deixa eu ir], sabe? me leva de uma vez]
- 25 william: [amham] [sei]
- ▶ 26 miranda: porque eu não agüento ver mais--, nem sofrer, nem ver a minha
- ▶ 27 família sofrer], e tava todo mundo sofrendo ao meu lado],

No fragmento 33 ganha destaque a performatividade da linguagem. No *ethos* evangélico, a palavra utilizada em determinados contextos, possui o poder de realizar coisas (cf. com a teoria performativa de John Austin: 1962). A narrativa do apelo realizado por Miranda (linha 20: “me tire desses laços que eu não agüento mais”) pode ser considerada o relato de uma performance que lhe possibilitará a operação da cura e de uma nova perspectiva de existência feliz que o Candomblé não era mais capaz de oferecer.

No entanto, como coloca Mafra (2002:109), “como numa *performance* bem realizada, só alcançará o milagre aquela pessoa que utilizar os elementos disponíveis e ao seu alcance, o que, neste caso, envolve uma forte participação da Igreja”, e é justamente para esta participação que o próximo fragmento de Miranda, no capítulo a seguir, apontará.

Nesta seção vimos como cada entrevistado constrói discursivamente a sua situação antes do que consideram como o seu momento da conversão. Puck se vê às voltas com um novo problema. Sendo atormendado por um forte sentimento de culpa por ter desejado outra mulher enquanto a sua namorada estava em viagem.

Gloster narra como, depois de passar por um problema com uma de suas amantes, suplica a misericórdia de Deus.

Cordélia fala como a conversão de sua mãe e as visitas que fazia à igreja a estavam influenciando de maneira cada vez mais forte. Ela mostra ainda como a sua dúvida perdurou até o dia em que decidiu não mais retornar ao centro de Umbanda.

No fragmento que trouxe de Miranda ela enfatiza a situação de sofrimento que já havíamos confrontado na seção anterior. Aqui, no entanto, temos a descrição de Miranda clamando a Deus para que lhe ajudasse, mostrando como ela estava disposta a encontrar uma solução que desse fim aos seus sofrimentos.

Neste capítulo analisei a construção discursiva de *rede de mudança* das narrativas de conversão. Cada narrativa de conversão possui suas próprias particularidades. No entanto, a análise aqui desenvolvida mostra que elas também apresentam paralelos importantes, que aparecem na configuração que procurei dar à análise. Quero dizer com isso que as etapas coincidentes das narrativas de conversão me possibilitou agregá-las sob subtítulos como “família e religião”, “aprofundando as tensões”, “os primeiros

passos da mudança”, “outros caminhos”, “problemas no caminho e novas percepções de Deus” e “a um passo da mudança”, que mais do que serem apenas subtítulos, formam a própria *rede de mudança*.

Em “família e religião” vimos como os narradores falam que as suas famílias fizeram com que a sua entrada no mundo religioso fosse algo impositivo, no caso de Puck; ou quase impositivo, no caso dos outros narradores, uma vez que eles descrevem que não tinham controle sobre as práticas religiosas de suas famílias.

Na análise da seção “aprofundando as tensões”, os narradores continuam construindo negativamente as práticas religiosas da família. Puck e Miranda se reportam à imposição religiosa que sofreram. Gloster critica o sincretismo da família e Cordélia constrói sua participação na religião da família como apenas social.

Em “os primeiros passos da mudança”, estão fragmentos nos quais os narradores falam de suas primeiras experiências para ultrapassar o círculo religioso familiar. Puck se refugia no mundo *heavy metal*. Gloster se afilia ao budismo, mas não encontra satisfação ali. Miranda se liga à igreja Messiânica mas descreve que não conseguiu uma identificação plena; e Cordélia descreve suas experiências na Umbanda como incompletas.

Na seção “outros caminhos” a maior parte fala de outras experiências religiosas. Puck narra como elaborou a visão de um Deus particular. Gloster fala de sua experiência no Kardecismo como um novo conceito de espiritualidade. Miranda narra a sua entrada no Candomblé como algo involuntário e Cordélia fala da importância da conversão de sua mãe para a sua própria conversão.

Em “problemas no caminho e novas percepções de Deus” os narradores falam de problemas pelos quais passaram e que os levaram a percepção de que precisavam de uma intervenção divina em suas vidas. Puck fala que teve um problema para o qual procurou a ajuda de Deus. Gloster constrói sua pulsão sexual como algo que sem Deus ele não poderia controlar. Cordélia e Miranda falam de suas insatisfações crescentes com suas religiões de então. Miranda também equaciona o desenvolvimento de uma doença com a pressão que sofria como líder espiritual.

Por fim, na seção “a um passo da mudança” eles narram o momento que estavam vivendo antes de se converterem. Nesta seção todos falam que passavam por problemas muito difíceis e, com exceção de Miranda, eles mostram que já tinham absorvido alguns elementos do sistema de coerência evangélico.

Em sua construção da *rede de mudança* vimos que os os narradores fazem uso de elementos como o discurso direto, o vocabulário evangélico, a perspectiva do presente e a narrativa laboviana. Todos esses elementos cooperam na tessitura das narrativas de forma a conferir uma ordem que une o seu início ao seu final formando um todo coerente.

No próximo capítulo o foco da análise incidirá sobre o *fluxo de mudança*, ou a construção discursiva do momento de suas conversões. É sempre bom lembrar que o conceito de *fluxo de mudança* implica a impossibilidade de se precisar quando a mudança começa e termina, ele representa tão somente o núcleo da transformação, mas nunca um ponto; ele é um evento integrado num processo, e não pode ser isolado dos elementos da *rede de mudança*. Assim, embora as pessoas possam descrever as suas conversões como tendo ocorridas em momentos específicos, através desta análise estamos percebendo que as conversões só puderam acontecer devido a fatores que as influenciaram paulatinamente (o que aqui chamo de *rede de mudança*) e que, de uma forma ou de outra, influenciaram na prévia absorção dos discursos das igrejas evangélicas às quais se converteram.